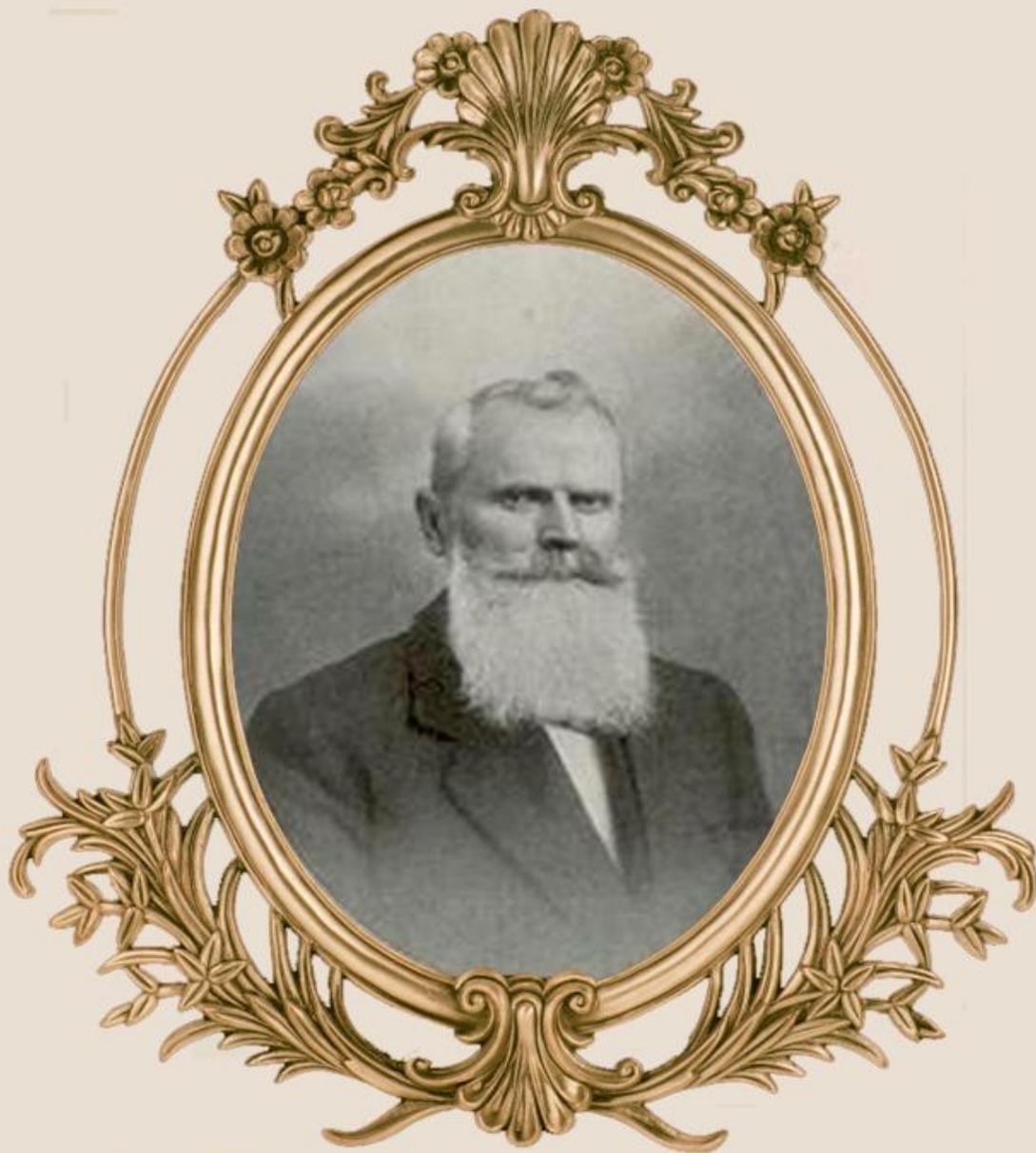


Henri Sausse



A Reencarnação
Segundo o Espiritismo

DAIDOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

HENRI SAUSSE

A REENCARNAÇÃO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Lançamento original:

La Réincarnation selon le spiritisme. Enseignements d'Allan Kardec, compilation par Henri Sausse.

Éditeur: Typographie de Coulet et Passas

Paris – 1924

Tradução: Chrissie Chynde

Revisão da Tradução: Irmãos W. e Ery Lopes

Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada

© 2021

Distribuição gratuita:

[Portal Luz Espírita](#)
[Autores Espíritas Clássicos](#)



Henri Sausse

**A Reencarnação
Segundo o Espiritismo**

Ensinos de Allan Kardec

**Paris
(1924)**



HENRI SAUSSE (1851 - 1928)

Ode a Allan Kardec

Glória a ti Kardec, que através do Espiritismo,
Ensinando-nos, da morte, qual é o amanhã,
É graças às tuas lições, teu puro idealismo,
Que seguimos o caminho da Verdade.

A dúvida triunfava. O materialismo,
Sufocando em nossos corações nosso generoso entusiasmo
Submetia-nos sob o jugo do seu falso realismo,
Deixando-nos como único porvir o vazio.

Quando vieste a nós, pensador rigoroso,
Ensinando-nos as duras leis do destino,
Levantaste para nós os véus do mistério,
Que conheceram antigamente nossos pais na Gália.

Através dos teus ensinamentos, aprendemos, ó Mestre,
Que devemos buscar sempre o certo, o belo:
Que morrer aqui embaixo, é nascer de novo,
Em um mundo melhor, além do túmulo.

Porém, para tanto devemos, sem trégua nem descanso,
Domar as paixões do nosso corpo,
Elevar-nos sempre é a nossa grande tarefa,
Se quisermos atingir as altas esferas.

Para alcançar a meta deste longo caminho
Em cada etapa devemos, cheios de doces esperanças
Cumprir os desígnios que um destino magnânimo
Gravou nos nossos corações como primeiras tarefas.

Como início, ajudarmos mais a cada dia,
Compadecermo-nos daquele que sofre e estender-lhe a mão,

Ter sempre a coragem de querer evoluir,
E a cada passo que dermos respeitar os outros.

Sem temor e sem medo da eterna viagem
Que devemos cumprir, observarmos as leis.
Sabemos que a vida é uma peregrinação
Que teremos de cumprir muitas outras vezes.

Porém sabemos também que quando a noite cai
Podemos evocar os nossos mortos queridos,
Que para nos revelarem os segredos sepulcrais
Animam-se com a melhor das vontades para nos agradarem.

Louvemos Allan Kardec, exaltemos sua memória,
Do Espiritismo o ilustre fundador;
Sobre o mármore e o bronze do templo da glória
Vamos gravar o nome deste grande Benfeitor.

O que eu quis, nestes versos meus em teu louvor, ó Mestre,
Foi afirmar tua doutrina, esclarecer seu propósito,
E para que ela seja amada, sendo conhecida,
Com a minha fidelidade, render meu tributo a ela.

Também quero comemorar estes dois cinqüentenários,
O da tua volta, ó Mestre, para o além;
O dos meus inícios entre os teus discípulos;
E como então, responder ao chamado.

Henri Sausse.

Os tradutores

Sumário

- O objetivo deste livro *pág. 09*
Estudo da Reencarnação de Acordo com os Ensinamentos de Allan Kardec *pág. 11*
A reencarnação em países anglo-saxões *pág. 13*
Instruções sobre a reencarnação *pág. 15*
Coronel de Rochas - Vidas Sucessivas *pág. 19*
Esquecimento do passado *pág. 22*
Não Morremos *pág. 28*
A pluralidade das existências corporais *pág. 30*
A ressurreição do corpo *pág. 43*
Metempsicose *pág. 46*
A pluralidade das existências *pág. 50*
Justiça da reencarnação *pág. 52*
Encarnação em diferentes mundos *pág. 54*
O destino das crianças após a morte *pág. 57*
Parentes *pág. 59*
Ideias inatas *pág. 63*
Espíritos errantes *pág. 65*
Escolha de provas *pág. 67*
De volta ao corpo *pág. 69*
Ressurreição e reencarnação *pág. 72*
Laços de Família *pág. 79*
Limitação da encarnação *pág. 83*
Necessidade da encarnação *pág. 85*

Metempsicose e as várias existências	<i>pág. 88</i>
Reencarnação	<i>pág. 91</i>
Reencarnação e os cretinos	<i>pág. 95</i>
A reencarnação	<i>pág. 98</i>
Consequências da Doutrina da Reencarnação pela Propagação do Espiritismo	<i>pág. 99</i>
O caso do Sr. V.	<i>pág. 101</i>
Reencarnação na Antiguidade	<i>pág. 103</i>
Reencarnação no Japão	<i>pág. 106</i>
Reencarnação na América	<i>pág. 110</i>
Uma Palavra Final	<i>pág. 113</i>
Por quê?	<i>pág. 115</i>
Nota da tradutora	<i>pág. 118</i>

O objetivo deste livro

Durante quarenta anos, em que fui secretário-geral da Federação Espírita Lyon, tive o desejo frequente de realizar algo útil: não seria útil reunir em um livro só, todas as partes da doutrina de Allan Kardec que tratassem sobre a reencarnação? Hoje, estão espalhadas em vários livros. O estudo dos vários ensinamentos dados pelo nosso Mestre, seria mais fácil e mais produtivo para todos os seguidores do Espiritismo. Esta é certamente uma lacuna a ser preenchida. Mas na época em que tive a ideia, não tive tempo para realizar este trabalho. Hoje, temo falhar em organizá-las. Assumirei este trabalho mesmo assim, na expectativa, para o bem deste e meu, de contar com a benevolência dos nossos adeptos, nossos mestres e de nossos amigos espirituais.

A maioria dos elementos contidos neste trabalho já foi publicada no jornal do Espiritismo Kardecista, de setembro de 1919 a dezembro de 1920. O grande aumento da tiragem do jornal que aconteceu nessa época, me fez abandonar a publicação e retornar em tempos melhores a publicar em brochura este pequeno livro: 'A reencarnação segundo o Espiritismo'. Este é o projeto que divulgo hoje para fins de propaganda, visando os interesses da Doutrina.

É um fato indiscutível para mim que, se as obras de Allan Kardec fossem lidas com mais frequência e mais seriamente, elas seriam melhor compreendidas, suas lições melhor estudadas e seriam reconhecidas pelos detratores, que somente a denigrem, seja porque eles as conhecem mal, ou mesmo, a desconhecem. Desculpam-se alegando que as obras de Allan Kardec são ultrapassadas, rococó e

por esnobismo as ignoram. Tesouros da verdade são negligenciados assim.

Temos que reagir contra esta maneira tola de julgar sua obra. Devemos conduzir os convertidos a ler mais a sério e com mais atenção Allan Kardec, a fim de melhor o compreender e reter melhor seus ensinamentos. Para que a doutrina espírita dê frutos e se espalhe de acordo com os nossos desejos, é essencial conhecer o ensinamento em sua fonte, isto é, nas obras do Mestre, onde é formulada em termos claros, limpos e precisos. Não se pode dar margem a nenhuma falsa interpretação, é por esta razão que em vez de traduzir mal seus ensinamentos, tentando explicar, vou me limitar a uma mera compilação de sua obra sobre este assunto: a reencarnação. Mas, permito-me adicionar alguns novos fatos, que vêm confirmar os ensinamentos de Allan Kardec.

Henri Sausse

Estudo da Reencarnação de Acordo com os Ensinamentos de Allan Kardec

A REENCARNAÇÃO

Nascer, morrer, renascer e progredir sem cessar
Esta é a grande lei que todos devemos nos submeter,
Não se pode violar a Suprema Sabedoria
Não nascemos somente para logo morrermos.

É necessário voltar para este lugar de miséria
Expiar nossos erros, suportar a carga;
Pois em um corpo novo, tirado da matéria
O Espírito deve reparar seus erros do passado.

A Terra é para nós um inferno passageiro;
Devemos sempre lutar e trabalhar;
Superar nossas paixões, cada dia um pouco mais,
Para enfim ganhar, passo a passo, a estadia celestial.

Muitas vezes, viemos para esta Terra;
E ainda voltaremos aqui para progredir e sofrer;
Assim quer o destino; vasculhar este mistério,
Saibamos nos libertar de nossas más inclinações,
Não, Deus não planejou somente uma existência

Decidiu o futuro do Espírito imortal;
Dando-lhe tempo, esperança e sofrimento,
Para, um dia, conquistar a felicidade eterna.

Amigos, como a nossa tarefa é difícil na Terra
Devemos ter um cuidado extremo,
Quando quisermos provar a embriaguez profunda
De abandonar cedo este, para os mundos mais suaves.

A reencarnação em países anglo-saxões

Estes poucos versos, escritos antes da Guerra, trazem-me lembranças, depois de ler uma carta de um correspondente londrino, expondo como os espiritualistas na Inglaterra resolveram a questão do progresso e da reencarnação. Confiante de que estes novos conhecimentos vão interessar os leitores deste estudo, eu compilo, na íntegra, as seguintes passagens que não têm nada em comum com os ensinamentos de Allan Kardec, que pretendemos apresentar aqui ao longo desta compilação.

Eis aqui a visão do meu correspondente inglês:

'A Doutrina Espírita, como é exposta por Léon Denis, é muito prática e inteligente, algo muito diferente das crenças espiritualistas na Inglaterra. Ao invés de acreditarmos na reencarnação, acreditamos que uma vez que morremos, não retornamos à carne novamente, mas existem regiões espirituais ao redor da Terra, onde os mortos permanecem. Perto da Terra encontra-se 'o plano astral grelha'. Uma esfera astral inferior onde se encontram os espíritos viciosos, maus, etc. Depois, encontramos o 'plano astral superior', uma região astral alta. Lá encontraremos os espíritos de um grau mais elevado. Depois, há o plano 'Terra do Sol'. Terra do Verão celestial, onde os espíritos são muito semelhantes aos Espíritos encarnados. Eles têm um fluido corporal astral mais sutil e são bons, estudam e aprendem a ascender à quarta esfera.

Na quarta esfera, o fluido do corpo torna-se mais refinado, purificado; os espíritos não se interessam mais por coisas que os interessavam quando incorporados na matéria. Interessam-se pelas grandes leis do universo, as artes celestes, a matemática, e talvez, a geografia do sistema solar.

Depois de um longo período de anos na quarta esfera, passamos para 'Esfera de Cristo'. Representa a grande escola sob a direção de Cristo. Depois da estadia neste plano, tornamo-nos Espíritos puros, isto é, deixamos de ter corpo. Somente um Espírito que progride de esfera em esfera até que se torne Mestre, é finalmente absorvido por Deus e se perde Nele. Dizem que é Dele que proviemos, pequena centelha do fogo divino, e é para Ele que retornamos.

Eu lhe digo, caro senhor, que acho a Doutrina Espírita, exposta por Léon Denis, muito mais razoável e aceitável para todos e que agradeço por ter me enviado suas obras.'

Uma coisa que meu correspondente não disse aqui é a razão pela qual os espíritas e Espíritos anglo-saxões eram inicialmente hostis à ideia da reencarnação como a compreendemos e como os espíritos nos ensinam. É o medo. Podemos retornar ao nosso planeta, e reencarnar em um pessoa de cor, o que seria uma desgraça para eles. Nos últimos anos, essa repulsão modificou e a reencarnação como ensinou Allan Kardec, é aceita na Inglaterra e na América, como nós a entendemos.

Instruções sobre a reencarnação

DITADA ATRAVÉS DE UM COPO DE ÁGUA RECOLHIDO PELA SENHORITA BEDETTE.

Esta mensagem foi ditada em várias sessões. Cada interrupção feita no meio de uma frase foi retomada no ponto em que parou, na reunião seguinte.

16 janeiro de 1911 - Afirmar a lei da reencarnação foi durante minha vida material, o ponto de partida de todo o meu trabalho, o dogma fundamental. A pedra sobre a qual Pedro fundou a Igreja de Jesus, e que sofreu tantos tormentos e tempestades. Seria ainda mais forte e quase invencível, se a Igreja não tivesse colocado a luz debaixo do alqueire, julgando ser este ensinamento muito forte, demasiadamente complexo para a nossa compreensão. Sem a reencarnação, o que seria de nosso destino futuro? Ele não poderia se completar pela vida material, pois ela seria uma só.

20 de janeiro de 1911 - Seria muito natural considerar a morte como temerária, desde que a Igreja assim nos ensinou. A reparação, para a maior parte de nós seria eterna, assim como o choro e o ranger de dentes dos infelizes, jogados no abismo. Os corações ternos dos esposos, irmãos, amigos, destruídos na dor mais profunda. Talvez você nunca mais veja novamente aqueles pelos quais você chora. Estas são as conseqüências.

22 de janeiro de 1911 - Bem adocicada, bem curta é a teoria de uma única vida, que a Igreja não quer se desfazer porque implicaria a perda de seu poder. Hoje, as vozes do além-túmulo se levantam e

gritam: eu estou vivo! Talvez elas queiram avisar: o sofrimento não é abolido pela destruição do corpo. Eu estou vivo e pude amenizar o castigo que me aflige pelos pecados de minhas vidas anteriores; eu pude, desde este momento diminuir minhas tristezas através de minhas próprias resoluções, com a ajuda dos meus Guias. Mas sempre, a estrela brilhante da esperança reluz em meus olhos. Ser valorizado, nada se perde. Eu vivi, eu vivo, e retornarei entre vocês, sofrendo nessa Terra que pode se tornar uma Terra de alegria e de amor, combatendo todos os nossos maus instintos. Glória a Deus, no mais alto dos Céus. Esta é a canção da nossa alma quando provei e compreendi essa verdade, que é a fonte da vida. Então, meus amigos, vocês que estão confiantes, que têm uma fé absoluta, mas uma fé apoiada em provas inegáveis. Como será o nosso futuro? Ele será de acordo com o que vocês tiverem plantado hoje. Entre reencarnações, sua alma imortal saboreará as alegrias e a felicidade correspondentes ao ideal para vocês traçaram enquanto encarnados.

23 de janeiro de 1911 - Levo comigo todos os meus bens - pudesse você dizer estas palavras com alegria em sua entrada na vida espiritual. Estamos ensinando por todos os meios possíveis: - Você constrói o seu futuro! Ele vai ser um pouco diferente, talvez inferior ao que é hoje, se você não se aprimorar. Você mesmo paga as faltas cometidas em suas existências passadas, razão pela qual muitos de vocês têm que lutar contra a adversidade, durante toda ou parte de sua encarnação. Mas a coragem, a paciência, a resignação na luta, permitirão reparar e vencer.

Em 30 de janeiro de 1911 - Uma situação mais elevada. Na erraticidade, onde os pobres seres sofrem, ignorantes ou viciosos, vivem em fluidos quase materiais, como os da Terra. São surdos à voz de seus Guias, são cegos para a luz espiritual. Eles estão à nossa volta, perto de nós. Às vezes, um pensamento compassivo, forte,

imperioso é para eles, como um farol. Existem na Terra, os amigos, os seres bastante elevados, entristecidos com a situação dos infelizes, orando por eles e cuidando deles diariamente.

Grupos espíritas que não tem presunção e egoísmo podem ter uma grande influência sobre os sofredores através de seus médiuns. Eles podem ouvi-los e através dessa conversa, proporcionar um alento. Incentive-os a orar, esta arma poderosa que vocês não utilizam o suficiente. Estes pobres irmãos que vocês esclarecem, atraídos e influenciados pela sua bondade, se manterão perto de você. Então, meus amigos, seus atos bons ou maus, serão comentados e julgados e terão sua influência. É uma grande responsabilidade que vocês tomam livremente porque, nenhum grupo ignora, nem deve ignorar as leis espirituais. O bem moral que vocês fizerem a estes infelizes terá um resultado maior do que vocês imaginariam. O remorso das faltas cometidas, agora eles podem entender o que era a fonte de sua dor, forçando-os a tomar decisões, que se elas não são muito puras, é porque o seu propósito não é ainda o bem, mas a aniquilação de seus sofrimentos e o desejo de um futuro melhor. Essas resoluções são muitas vezes suficientes para uma evolução, através de uma reencarnação, um desejo desconhecido, uma contenção no mal operando no corpo material. Assim, gradualmente, uma nova regeneração se estabelece, ainda que lentamente, mas se compararmos, é rápida e ativa. Digo mais uma vez, meus amigos, ainda nesta vida, trabalhem o seu ser moral encaminhando-o para a vida espiritual, ele será correspondente ao ideal que você traçou. Sem a dedicação e compromisso, não encontraremos o Bem.

06 de fevereiro de 1911 - Vocês não desfrutarão da felicidade que não for fruto de seu trabalho.

Que as palavras que Ovídio colocou na boca de Medéia, não sejam nunca suas: 'Eu vejo o Bem. Aprovo, mas faço o Mal'.

Eu acompanho o trabalho de seu grupo, protejo e abençoo.

Coronel de Rochas

Vidas Sucessivas

Os experimentos apresentados pelo Coronel de Rochas sobre regressão da memória em seu livro sobre as vidas sucessivas, parecia prometer uma evidência adicional significativa sobre a reencarnação. É lamentável que essas promessas não foram cumpridas e que os controles sérios e numerosos não confirmaram as primeiras experiências através da remoção de uma questão obscura. O Coronel pediu-me várias vezes para repetir as mesmas experiências. 'Os provérbios dos assuntos que nada provam ou confirmam, não seriam eles apenas decorrentes de uma imaginação fértil e às vezes, pouco escrupulosos dos sonâmbulos?' Para termos certeza, ele voltaria a retomar essa pesquisa e em vez de admitir simplesmente meras afirmações, exigir a certeza, com provas reais, os fatos precisos que possam ser controlados através de pesquisas escrupulosas, visando o interesse de verdade.

Quando em uma sessão de evocação, um espírito se manifesta, nós lhe pedimos uma prova de sua identidade, solicitamos o seu nome, qualificações completas, estado civil e informações específicas para que possamos encontrar, acompanhar e autenticar de forma absoluta. Por que não fazer o mesmo com os sonâmbulos que pretendem reviver suas vidas passadas? Contudo, não fornecem nenhuma prova real da sua sinceridade nas declarações.

Peço desculpas a todos os sonâmbulos do passado, atuais e do

futuro. Um fato é certo e bem estabelecido pela experiência, todas as pessoas durante o sono magnético, são mais ou menos preguiçosas, enganosas ou incertas. Para elas, todo esforço é doloroso, toda pesquisa as cansa. Muitas vezes, também acontece de, em vez de responder seriamente o que lhes é indagado, elas se esforçam em ler os pensamentos de seu hipnotizador, o que ele espera ouvir, e uma vez neste caminho, sua imaginação criativa inventa histórias muito absurdas, onde o controle é ineficaz devido à ausência dos elementos necessários.

Muitas vezes, o Coronel de Rochas, a quem demonstrei meus temores a esse respeito, pediu-me para retomar as mesmas experiências. Infelizmente, neste caminho, eu jamais encontraria qualquer resultado sério. Eu queria detalhes, datas, informações que eu pudesse controlar. Contudo, nunca obtive nada parecido, nada que pudesse provar a sinceridade e autenticidade das informações prestadas em relação aos fatos da vida presente. Tornei-me cético, sem ter por isto, a pretensão de crer que porque eu não obtive o que procurava, outros pesquisadores não poderiam ser mais bem-sucedidos do que eu nesse tipo de estudo. (*)

() O coronel de Rochas, no prefácio de seu livro As Vidas Sucessivas, reconhece que, embora as experiências de regressão da memória sejam aparentemente muito convincentes, elas são realmente apenas matérias-primas; Seria no futuro discernir a parte da verdade que elas contêm.*

Mas, um fato importante acaba se tornando um grande ponto de interrogação: se a memória de nossas vidas passadas nos foi tirada, de modo geral, para quase todas pessoas encarnadas, é porque existe um motivo para isso. Uma razão importante, que não sabemos, mas que talvez tenha, no entanto, um propósito. Talvez, a memória de nossas vidas passadas tenha sido apagada de nossa memória, simplesmente para nos encorajar a buscar, a descobrir através de um artifício mais ou menos engenhoso, mais ou menos sério? Se fosse

tão fácil desvendar o mistério de nosso passado, remover o véu de mistério que nos escapa, perguntamos qual a utilidade deste esquecimento imposto a nós, de um passado que seria, no entanto, tão fácil de revelar aos nossos olhos curiosos?

Um fato importante que deve ser ressaltado é que o Coronel com seu objeto de estudo, Josephine, não só conseguiu reviver o passado, mas também conseguiu sondar e prever eventos futuros. No entanto, as previsões feitas para Josephine nestas condições, não se concretizaram. Longe disso, e o Coronel observou esse fato em seu livro 'Vidas sucessivas'.

Uma vez que as declarações de Josephine não são confiáveis, visto que os eventos futuros que ela anunciou não se concretizaram. Por que os relatos do passado seriam mais dignos de crédito, e que são impossíveis de serem controlados? Além disso, não nos iludamos tão rapidamente e vejamos que se este esquecimento do passado nos foi imposto é porque é necessário, imprescindível, para não atrapalhar nosso espírito em sua marcha lenta em direção ao progresso, à perfeição, nossa finalidade comum a todos. Querendo sondar um ponto misterioso que não devemos saber, existem muitas chances de nos desapontarmos em nossas investigações e sermos mistificados, enganados por intermediários, que como todos nós, estão sujeitos à grande lei do esquecimento do passado.

Esquecimento do passado

Allan Kardec escreveu sobre esse assunto em O Livro dos Espíritos. nº 392. Por que o Espírito encarnado perde a lembrança do seu passado?

‘O homem não pode, nem deve, saber tudo. Deus assim o quer em Sua sabedoria. Sem o véu que lhe oculta certas coisas, ficaria ofuscado; como quem, sem transição, saísse do escuro para o claro. Esquecido de seu passado, ele é mais senhor de si.’

nº 395. Podemos ter algumas revelações a respeito de nossas vidas anteriores?

‘Nem sempre. Contudo, muitos sabem o que foram e o que faziam. Se fosse permitido dizê-lo abertamente, fariam extraordinárias revelações sobre o passado.’

nº 396. Algumas pessoas julgam ter vaga recordação de um passado desconhecido, que se apresenta como uma imagem fugidia de um sonho, que em vão se tenta reter. Não é uma simples ilusão?

‘Algumas vezes, é uma impressão real; mas também, frequentemente, não passa de mera ilusão, contra a qual o homem precisa por-se em guarda, porque pode ser efeito de superexcitada imaginação.’

nº 430. Se a clarividência é de sua alma ou de seu Espírito, por que é que o sonâmbulo não vê tudo e tantas vezes se engana?

‘Primeiramente, aos Espíritos imperfeitos não é dado verem tudo e tudo saberem. Não ignoras que ainda partilham dos seus erros e prejuízos. Depois, quando unidos à matéria, não gozam de todas as

faculdades do Espírito. Deus outorgou ao homem a faculdade sonambúlica para um fim útil e sério, não para que se informe do que não deve ainda saber. Eis por que os sonâmbulos nem tudo podem dizer.'

Mostra a experiência que os sonâmbulos também recebem comunicações de outros Espíritos, que lhes transmitem o que devem dizer e suprem a incapacidade que denotam. Isto se verifica principalmente nas prescrições médicas. O Espírito do sonâmbulo vê a doença e o outro Espírito indica o remédio. Às vezes, essa dupla ação é patente e se revela, além disso, por estas expressões muito frequentes: diz-me que diga ou, proíbe-me de dizer tal coisa. Neste último caso, há sempre perigo em insistir-se por uma revelação negada, porque se dá azo a que intervenham Espíritos levianos, que falam de tudo sem escrúpulo e sem se importarem com a verdade.

Ainda tratando desse mesmo assunto, Allan Kardec escreveu no livro 'O que é o Espiritismo': 'Tudo se encadeia no Espiritismo, e quando se analisa o conjunto, vê-se que os princípios decorrem uns dos outros, apoiando-se mutuamente. Então, o que parecia uma anomalia contrária à justiça e sabedoria de Deus, parece muito natural e vem confirmar essa justiça e sabedoria.

Tal é o problema do esquecimento do passado que se liga a outras questões de igual importância e que, por isso, não farei mais que aflorar aqui. Se, a cada existência, um véu é lançado sobre o passado, o Espírito não perde nada daquilo que adquiriu no passado. Ele esquece somente a maneira pela qual adquiriu a experiência. Para ajudar a elucidar a questão, servir-me-ei do exemplo do escolar. Diríamos: pouco importa para ele saber onde, como, e sob qual orientação de professores ele fez o ano anterior. Que lhe importa saber quem o castigou pela sua preguiça e insubordinação, se esses castigos o tornaram laborioso e dócil? É assim que, em se

reencarnando, o homem traz, por intuição e como ideias inatas, o que adquiriu em ciência e moralidade. Eu digo em moralidade porque se durante uma existência, ele progrediu, se aproveitou as lições das experiências, quando retornar, será instintivamente melhor; seu Espírito amadurece na escola do sofrimento e pelo trabalho, terá mais firmeza. Longe de ter que sempre recomeçar, ele possui uma base cada vez mais rica, sobre o qual se apóia para progredir mais.

O esquecimento temporário é uma bênção da Providência. A experiência é, muitas vezes, adquirida através de rudes provas e terríveis expiações, cuja lembrança seria muito penosa e viria aumentar as angústias das tribulações da vida presente. Se os sofrimentos da vida parecem pesados, não seriam aumentados com lembranças dos sofrimentos do passado? Você, por exemplo, o senhor é um homem honesto hoje, mas talvez deva ser graças às severas punições que sofreu por faltas que, atualmente, repugnariam a sua consciência; seria agradável lembrar-se de ter sido enforcado? A vergonha não vos perseguiria imaginando que o mundo sabe do mal que fez? Que importa saber o que você fez e o que você sofreu para expiar essa falta, se você é agora um homem digno? Para o mundo, você é um homem novo, e para Deus, um Espírito reabilitado. Livre da lembrança de um passado problemático, você agirá com mais liberdade; para você, é um novo ponto de partida; as suas dívidas anteriores estão pagas, cabendo-vos não contrair novas dívidas.

Assim, quantos homens não gostariam de poder, durante a vida, lançar um véu sobre seus primeiros anos! Quantos disseram, ao fim de sua caminhada: 'Se eu pudesse recomeçar, eu não faria o que eu fiz!'. Pois bem! O que não se pode repetir nesta vida, vai ser feito de novo em uma nova existência. Seu Espírito vai trazer, intuitivamente, as boas resoluções que tenha tomado. É assim, gradualmente, o

progresso da humanidade se faz.

Suponhamos ainda, - o que é um caso muito comum - que em seus relacionamentos, mesmo em sua casa, se encontre um ser de quem você tem queixas. Talvez essa pessoa tenha arruinado ou desonrado você em outra vida e que, espírito arrependido, vem se reencarnar em seu meio, unir-se pelos laços de família, para reparar o mal que fez, através do seu devotamento e afeição: ambos não estariam em uma situação que impediria a reconciliação se não houvesse o esquecimento do passado? Em vez de se apaziguarem, os ódios se eternizariam.

Conclui com isso, que a lembrança do passado perturbaria as relações sociais e seria um obstáculo ao progresso. Quer uma prova real? Imagine um homem condenado às galés, que tome a firme resolução de ser honesto; o que aconteceria em sua saída? Seria repellido pela sociedade e essa repulsa, quase sempre o recolocaria no vício. Suponhamos, ao contrário, que todos ignorem seu passado. Ele será bem acolhido. Se ele próprio pudesse esquecer, não seria por isso menos honesto e poderia andar de cabeça erguida, em vez de curvá-la sob a vergonha da recordação.

Isso é totalmente coerente com a doutrina dos Espíritos, sobre os mundos superiores ao nosso. Nesses mundos, onde reina apenas o bem, a lembrança do passado nada tem de penoso, razão pela qual lembram-se de sua existência precedente como nos lembramos do que fizemos ontem. E sua estada em mundos inferiores, não passa de um sonho ruim.

É com justa razão que a memória do passado nos foi tirada, portanto, não há motivo razoável para querer descobri-lo, contrariando a vontade da Providência. Não é por este caminho, a lembrança do passado, que devemos procurar novos fatos e provas que confirmem a teoria da pluralidade das existências passadas. Nós

encontraremos mais seguramente, em casos particulares, nas reminiscências do passado, o que, às vezes, ocorrem em alguns casos que servem ainda mais como provas, pois são espontâneos e podem ser verificados e controlados.

Pouco importa, no presente, quem fomos no passado. O ponto crucial para nós é a aquisição de provas, a certeza de que já vivemos outras existências corporais, que deveremos reencarnar novamente, muitas vezes antes de alcançar a perfeição moral, para a qual todos nós, mais ou menos, caminhamos lentamente. O que sabemos também é que as condições atuais de nossa existência representam o resultado de nossas vidas anteriores e que em nossa existência presente, por nossas boas ou más ações, estamos preparando as condições favoráveis ou dolorosas, que acontecerão em nossas vidas que virão.

Mas neste momento, eu paro meus pensamentos e passo a palavra ao nosso Mestre: Allan Kardec, o mais autorizado a tratar esta importante questão da reencarnação. Trago esses ensinamentos, citando trechos de livros como 'O Livro dos Espíritos', 'O Evangelho Segundo o Espiritismo', 'Gênese' e também de artigos em diferentes anos da 'Revista Espírita', onde a questão da reencarnação foi abordada por ele, de forma tão magistral.

Esse trabalho tem três objetivos:

1º. divulgar a grande lei da pluralidade das sucessivas existências corporais, ou seja, a reencarnação,

2º. expor a evidência filosófica-moral e evidências físicas,

3º. trazer todos os espíritas ou os que se dizem serem espíritas a reler e estudar as obras de Allan Kardec e Léon Denis, que nos ensinam tão metodicamente e com tanta autoridade todas as questões que afetam a Doutrina Espírita.

Quando se quer estudar o Cristianismo, devemos recorrer aos

Evangelhos e aos Atos dos Apóstolos; para estudar a religião de Maomé deve-se aprender o Alcorão; os judeus recorrem ao Talmud, no que se refere aos ritos; os budistas ao Vedas; os cabalistas ao Zohar, etc. Por que só os espíritas procuram em outros lugares que nas obras do fundador da nossa filosofia, os princípios em que se estabelecem suas convicções? Desse erro, dessa falta inicial, decorrente da fraqueza de suas crenças e de sua falta de coesão e conseqüentemente também, recai a culpa na lentidão que temos em difundir a nossa filosofia. Bem! Como poderíamos proclamar em voz alta, quando muitos pretensos seguidores têm vergonha de admitir serem simplesmente espíritas? Saibamos, então, meus amigos, que somente com uma profunda compreensão da fonte verdadeira, isto é, em Allan Kardec e Léon Denis, que poderemos e que devemos estudar a doutrina espírita, se quisermos conhecê-la intacta e pura. É também estudando estes mestres, com toda a atenção que merecem, que poderemos apreciá-los em seu justo valor e dar-lhes os tributos de gratidão e reconhecimento. É seguindo suas lições que poderemos adquirir fortes convicções que nos farão ajustar o nosso comportamento a esses princípios. Somente eles nos darão a fé dos verdadeiros apóstolos. (*)

() É para facilitar este estudo de reencarnação para tudo o que eu reuni, abaixo, todos os ensinamentos de Allan Kardec relacionados a este assunto.*

Não Morremos

Não morremos, morrer, meus amigos, é renascer
 É se lançar com prazer para um mundo mais bonito.
 É sondar o destino, é aprender e conhecer
 Os segredos que navegam aqui embaixo, no túmulo.

É corrigir em nós, os defeitos do homem velho,
 Para criar um mundo melhor para o homem novo,
 É ver no Além, e de repente, nos aparecem
 Todos os nossos entes queridos desaparecidos ao nosso redor.

Pois o céu, para nós, está entreaberto,
 O maior espetáculo é oferecido a nossa alma
 Abençoados são os espíritos que nos estendem as mãos.

Pela voz e o gesto, como que eles nos convidam,
 Em uníssono, de nossos corações que palpitam,
 Conduzindo-nos a Deus, por um caminho mais seguro.

Etoile, 1 de julho de 1923.

Henri Sausse

Secretário-Geral da Federação Espírita Lyon
 (1883 - 1923)

Autor das obras

Biografia de Allan Kardec

Léon Denis

Provas? ¡Aqui estão elas!

Fenômenos do Espiritismo transcendental
Reencarnação segundo o Espiritismo
Ensinamentos de Allan Kardec
A busca pelas origens da alma humana
Apresentação ao Congresso Espírita 1925

A pluralidade das existências corporais

'REVISTA ESPÍRITA', 1858; 'O LIVRO DOS ESPÍRITOS'

Das diversas ideias professadas pelo Espiritismo, a mais polêmica é, sem dúvida, a pluralidade das existências corporais, ou seja, a reencarnação. Embora hoje, essa visão seja mais compartilhada por muitas pessoas, acreditamos que devemos, em razão de sua extrema importância, examinar aqui, de uma maneira mais aprofundada, para que possamos responder às diversas objeções que ela suscita. Antes de entrar na questão em si, algumas observações preliminares nos parecem ser indispensáveis.

Não é novo, dizem alguns, o dogma da reencarnação; ressuscitaram-no da doutrina de Pitágoras. Nunca dissemos que a Doutrina Espírita é uma invenção moderna. Sendo a reencarnação uma lei da Natureza, o Espiritismo há de ter existido desde a origem dos tempos e sempre nos esforçamos em demonstrar seus sinais na antiguidade mais remota. Pitágoras, como se sabe, não foi o autor do sistema da metempsicose; ele o colheu dos filósofos indianos e egípcios, que o tinham desde tempos imemoriais.

A ideia da transmigração das almas era uma crença comum, aceita pelos homens mais eminentes. De que modo a adquiriram? Por uma revelação ou por intuição? Ignoramos. Porém, seja como for, o que não há dúvida é que: uma ideia não atravessa séculos e séculos, nem consegue impor-se a inteligências de escol, se não contiver algo de

sério. Assim, a ancianidade desta doutrina, em vez de ser uma objeção, seria uma prova a seu favor. Contudo, entre a metempsicose dos antigos e a moderna doutrina da reencarnação, há uma profunda diferença, assinalada pelo fato dos Espíritos rejeitarem, de maneira absoluta, a transmigração da alma do homem para os animais e vice versa.

Dizem também alguns opositores: vocês foram imbuídos por essas ideias e é por isso que os espíritos abundam em seus pontos de vista. Este é um erro que prova, mais uma vez, os perigos dos julgamentos apressados e sem exame. Se antes de julgar, essas pessoas tivessem tido o trabalho de ler o que escrevemos sobre o Espiritismo, teriam poupado o trabalho de uma objeção feita de forma um pouco leviana. Repetimos o que temos dito sobre o assunto: quando a ideia da reencarnação nos foi ensinada pelos Espíritos, ela estava muito distante da concepção que tínhamos, que era baseada em antecedentes da alma, um sistema bem diferente e que, no entanto, muitas pessoas acreditavam. A doutrina dos espíritos, a este respeito, nos surpreendeu e melhor dizendo, nos contrariou, porque ela inverteu nossas próprias ideias, ela foi longe de ser o reflexo. Além disso, não acreditamos nela no primeiro momento e até a combatemos e defendemos nossa opinião, levantamos objeções. Foi apenas por uma forte evidência que tivemos que aceitar e foi então que percebemos a insuficiência de nosso sistema para resolver todas as questões sobre este assunto.

Para algumas pessoas, a palavra evidência, parece provavelmente singular, em tais assuntos, mas não parecerá inadequada para aqueles que estão habituados a examinar os fenômenos espíritos. Para o observador atento, há fatos que, embora não sejam de natureza material, constituem, no entanto, uma evidência moral. Este não é o momento para explicar esses fatos; somente um estudo

disciplinado e perseverante poderia nos ajudar a compreender. Nosso objetivo era unicamente refutar a ideia de que esta doutrina não refletia nosso pensamento. Temos uma outra refutação a opor. Não era só para nós que ela era falsa; ela foi em muitos lugares, como na França, Alemanha, Rússia, Holanda, etc., e isso ocorreu antes da publicação de 'O Livro dos Espíritos'. Acrescentamos ainda que depois que estudamos o Espiritismo, temos também comunicações de mais de cinquenta médiuns escreventes, audientes, videntes, etc, que são uns mais ou menos esclarecidos, uns de uma inteligência normal, mais ou menos limitada, alguns mesmo completamente iletrados e por conseguinte, inteiramente estranhos à filosofia, e que, em qualquer caso, os Espíritos não são desmentidos neste problema, que é o mesmo em todos os círculos que conhecemos, onde o mesmo princípio foi professado. Sabemos que este argumento não é incontestável, é por isso que insistimos somente pela razão.

Examinemos sob outro ponto de vista, abstraindo-nos de toda intervenção dos espíritos. Coloquemo-nos em um terreno neutro, admitindo haver uma outra probabilidade, uma outra hipótese, ou seja, a pluralidade das existências corporais, e vejamos para que lado a razão e o nosso próprio interesse nos farão pender.

Algumas pessoas rejeitam a ideia da reencarnação, pela simples razão de que não lhes convém, dizendo que elas estão satisfeitas com uma só vida e que elas não desejariam começar outra. Sabemos que o pensamento de ter que voltar à Terra, desperta a fúria. Precisamos perguntar se essas pessoas acreditam se Deus pediu-lhes a opinião ou consultou-lhes o gosto para ajustar o Universo. De duas, uma: ou a reencarnação existe, ou não. Se existir, ela certamente as irrita. Contudo, as pessoas vão ter que sofrer pois Deus não pedirá sua autorização. Parece que estamos a ouvir um doente dizer: 'sofri o suficiente hoje, não quero sofrer amanhã'.

Seja qual for a sua disposição, o paciente não sofrerá menos amanhã ou os dias seguintes, até que esteja curado. Por isso, se tivermos que reviver fisicamente, retornaremos reencarnando. Nada adiantará agir como uma criança que não quer ir à escola, ou um condenado à prisão. Eles terão que passar por isso. Essas objeções são muito infantis para merecerem consideração. Mas, para tranquilizá-los, dizemos que a doutrina da reencarnação não é tão ruim quanto eles pensam, e se eles tivessem estudado mais profundamente, eles não teriam tanto medo, pois saberiam que as condições desta nova vida dependem deles. Eles serão felizes ou infelizes, dependendo do que fizeram quando encarnados; e podem se elevar nesta vida tão alto, que não terão que se preocupar em cair na lama. ('O Livro dos Espíritos'.)

Supomos que estamos falando de pessoas que acreditam em um futuro após a morte, e não para os que têm o nada como perspectiva, ou que querem se afogar em um todo universal, como gotas de chuva no oceano, o que equivaleria a mesma coisa. Então, se você acredita no futuro, você não vai crer que ele é provavelmente o mesmo para todos, de outra forma qual seria a utilidade do bem? Para que se conter? Por que não satisfazer todas as paixões, desejos, ainda que seja à custa dos outros, uma vez que não faria a diferença? Você acredita que esse futuro será mais ou menos feliz ou infeliz, dependendo do que tivermos feito na vida. Então, você não tem o desejo de ser tão feliz quanto possível, como deve ser quando estivermos na Eternidade? Você, por acaso, tem a pretensão de ser um dos melhores homens que já existiram na Terra, e portanto, tem o direito de ser tratado como um dos eleitos? Não. Você admitirá que existem pessoas que são melhores que você e que têm direito a um lugar melhor, sem que isso signifique que você esteja entre os réprobos.

Pois bem! Por um momento, pense colocando-se em uma situação média, e suponha que alguém venha e lhe diga: você sofre, não está tão feliz como algumas pessoas que gozam da pura felicidade. Você gostaria de trocar de posição com elas? Sem dúvida, você diria: - o que é preciso fazer? Muito pouco, refazer o que fez de errado e tentar fazer melhor. Hesitaria em aceitar, ainda que fosse à custa de algumas vidas de sofrimento? Considere esta comparação, mais trivial. Imagine um homem que não está na miséria total, mas enfrentando privações por causa da escassez de seus recursos, e venhamos a lhe dizer: eis aqui uma imensa fortuna, você pode desfrutar dela se trabalhar durante um minuto. O mais preguiçoso dos homens, dirá sem hesitação: trabalharei por um minuto, dois minutos, uma hora, um dia, se necessário! O que é isso para terminar meus dias na abundância! O que é a duração da vida corporal em comparação com a Eternidade? Menos que um nada, menos que um minuto, menos que um segundo.

Pretendemos argumentar: Deus sendo soberanamente bom, não pode forçar o homem a recomeçar uma série de dificuldades e tribulações. Por acaso, existe bondade em condenar o homem ao sofrimento perpétuo por alguns erros do passado, ao invés de dar-lhe os meios de reparar suas faltas? Dois industriais contrataram dois operários, cada um dos quais poderia aspirar a se tornar sócio do respectivo patrão. Aconteceu que esses dois operários empregaram muito mal o seu dia, merecendo ambos serem despedidos. Um dos industriais, não obstante as súplicas do seu operário, o mandou embora e este, não tendo achado mais trabalho, acabou por morrer na miséria. O outro industrial disse ao seu operário: você perdeu um dia; e me deve uma compensação. Executou mal o seu trabalho; deve-me uma reparação. Consinto que recomece. Trata de executá-lo bem, que te conservarei ao meu

serviço e poderá continuar aspirando à posição superior que te prometi. Será preciso perguntarmos qual dos industriais foi mais humano? Deus, a própria clemência, seria menos piedoso que um homem?

Alguma coisa de doloroso existe na ideia de que a nossa sorte fique para sempre decidida, por efeito de alguns anos de provações, mesmo que nem sempre dependa de nós atingir a perfeição na Terra, ao passo que é eminentemente consoladora a ideia oposta, que nos dá a esperança. Assim, sem nos pronunciarmos sermos a favor ou contra a pluralidade das existências, sem preferirmos uma hipótese a outra, declaramos que, se ao homem fosse dado escolher, ninguém optaria por um julgamento sem apelação. Disse um filósofo que, se Deus não existisse, teríamos que inventá-lo, para felicidade do gênero humano. Poderíamos dizer o mesmo da pluralidade de existências. Mas, conforme atrás ponderamos, Deus não nos pede permissão, nem consulta os nossos gostos. Ou é isto ou não é. Vejamos de que lado estão as probabilidades e encaremos de outro ponto de vista o assunto, unicamente como estudo filosófico, abstraindo-nos do ensino dos Espíritos.

Se não existe a reencarnação, evidentemente, só existe uma existência corporal. Se a nossa atual existência corpórea é única, a alma de cada homem foi criada por ocasião do seu nascimento. Se não admitimos a anterioridade da alma, perguntaríamos o que ela era antes do nascimento e se o estado em que se achava não constituía uma existência em determinada forma. Não há meio termo: ou a alma existia, ou não existia antes do corpo. Se existia, qual era a sua situação? Tinha ou não, consciência de si mesma? Se não tinha, é quase como se não existisse. Se tinha individualidade, era progressiva ou estacionária? Num e noutro caso, em que grau chegou ao tomar o corpo? Admitindo, de acordo com a crença

popular, que a alma nasce com o corpo, ou que, o que vem a ser o mesmo, antes de encarnar, só dispõe de faculdades negativas, perguntamos então:

1º Por que a alma mostra aptidões tão diversas e independentes das ideias que a educação lhe fez adquirir?

2º De onde vem a aptidão extranormal que muitas crianças em tenra idade revelam, para esta ou aquela arte, para esta ou aquela ciência, enquanto outras se conservam inferiores ou medíocres durante a vida toda?

3º De onde, em uns, as ideias inatas ou intuitivas, que em outros não existem?

4º De onde, em certas crianças, o instituto precoce que revelam para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixeza, contrastando com o meio em que elas nasceram?

5º Por que, abstraindo-se da educação, uns homens são mais adiantados do que outros?

6º Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomarmos um menino hotentote recém-nascido e o educarmos nos nossos melhores liceus, tornaria-se ele, algum dia, um Laplace ou um Newton?

Qual a filosofia ou a teosofia capaz de resolver estes problemas? É fora de dúvida que, ou as almas são iguais ao nascerem, ou são desiguais. Se são iguais, por que, entre elas, tão grande diversidade de aptidões? Dir-se-á que isso depende do organismo. Mas, então, achamo-nos em presença da mais monstruosa e imoral das doutrinas. O homem seria simples máquina, brinquedo da matéria; deixaria de ter a responsabilidade de seus atos, pois que poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas. Se as almas são desiguais, é que Deus as criou assim. Nesse caso, porém, por que a inata

superioridade concedida a algumas? Corresponderá essa parcialidade à justiça de Deus e ao amor que Ele consagra igualmente a todas suas criaturas?

Admitamos, ao contrário, que existe uma série de progressivas existências anteriores para cada alma e tudo se explica. Ao nascerem, trazem os homens a intuição do que aprenderam antes: são mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que tiveram e conforme já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida. Dá-se aí exatamente o que se observa numa reunião de indivíduos de todas as idades, onde cada um terá o desenvolvimento proporcional ao número de anos que tenha vivido. As existências sucessivas serão, para a vida da alma, o que os anos são para a do corpo. Reuni, um dia, mil indivíduos de um a oitenta anos; suponha que um véu encubra todos os dias precedentes e que em sua ignorância, você os crê terem nascidos todos no mesmo dia. Naturalmente, perguntaria-se por que uns são grandes e outros pequenos, uns velhos ou jovens; outros, instruídos e outros ainda ignorantes. Se, porém, dissipando-se a nuvem que lhes oculta o passado, viermos a saber que eles viveram diferentes durações de tempo, tudo será explicado.

Deus, em Sua justiça, não pode ter criado almas desigualmente perfeitas. Com a pluralidade das existências, a desigualdade que notamos não contraria a mais rigorosa equidade. O problema é que apenas vemos o presente, e não o passado. Este raciocínio está embasado em um sistema ou uma suposição gratuita? Não. Partimos de um fato patente e incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral, que se encontra inexplicado em todas as teorias correntes. Se uma teoria lhe dá uma explicação simples, natural e lógica. Será racional preferir outras que nada explicam àquela que explica?

À vista da sexta interrogação acima, dirão naturalmente que o

hotentote é de raça inferior. Perguntaremos, então, se o hotentote é ou não um homem. Se é, por que a ele e a sua raça privou Deus dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é, por que tentar fazê-lo cristão? A Doutrina Espírita tem mais amplitude do que tudo isto. Segundo ela, não há muitas espécies de homens, somente existem espíritos que estão mais ou menos atrasados, porém, todos suscetíveis de progredir. Não é este princípio mais conforme à justiça de Deus?

Acabamos de apreciar a alma com relação ao seu passado e ao seu presente. Se a considerarmos, tendo em vista o seu futuro, esbarraremos nas mesmas dificuldades.

1ª Se a nossa existência atual é que, unicamente, decidirá o nosso destino, qual é, na vida futura, a posição respectiva do selvagem e do homem civilizado? Estarão no mesmo nível, ou se acharão distanciados um do outro, no tocante à soma de felicidade eterna que lhes caiba?

2ª O homem que trabalhou toda a sua vida no seu aprimoramento, está na mesma posição daquele que se conservou em grau inferior de adiantamento, não por culpa sua, mas porque não teve tempo, nem possibilidade de se tornar melhor?

3ª O que praticou o mal, por não ter podido instruir-se, será culpado de um estado de coisas cuja existência em nada dependeu dele?

4ª Trabalha-se continuamente por esclarecer, moralizar, civilizar os homens. Mas, por um que se esclarece, há milhões deles que morrem, cada dia, antes que a luz chegue até eles; qual o destino destes? Serão tratados como réprobos? No caso contrário, que fizeram para ocupar categoria idêntica à dos outros?

5ª Que sorte aguarda os que morrem na infância, quando ainda não puderam fazer nem o bem, nem o mal? Se vão para o meio dos

eleitos, por que esse favor, sem que coisa alguma hajam feito para merecê-lo? Em virtude de que privilégio eles se vêm isentos das tribulações da vida?

Existe uma doutrina que possa resolver essas questões? Admita as existências sucessivas e tudo será explicado, de acordo com a justiça de Deus. O que não pudemos fazer nesta vida é feita em outra, assim ninguém pode escapar da lei do progresso, onde todos são recompensados de acordo com o seu verdadeiro mérito, que ninguém é excluído da suprema felicidade a que tem direito, independentemente dos obstáculos que encontrou ao longo do caminho.

Essas questões poderiam ser multiplicadas ao infinito, porque os problemas psicológicos e morais, que não encontram a sua solução na pluralidade das existências, são numerosos, e nós nos limitamos ao mais geral. Ainda, poderiam dizer: a doutrina da reencarnação não é admitida pela Igreja, então, seria uma subversão da religião.

Neste momento, nosso objetivo não é resolver esta questão, precisamos apenas mostrar como esta doutrina é altamente moral e racional. Mas o que é moral e racional não pode ser contrário a uma religião que proclama a bondade de Deus e a razão por excelência. O que teria sido da religião se contra a opinião universal e o testemunho da ciência, ela tivesse se obstinado contra a evidência, e tivesse rejeitado de seu seio todos os que não acreditassem no movimento do Sol e nos seis dias da criação? Que crédito teria merecido e que autoridade teria tido entre povos esclarecidos, uma religião baseada em erros manifestos, dados como artigos de fé? Quando foi demonstrada a evidência, a Igreja sabiamente se alinhou com o óbvio. Se for provado que as coisas que existem são impossíveis sem a reencarnação, se certos pontos do dogma não podem ser explicados senão por esta forma, será preciso se admitir e

se reconhecer que o antagonismo desta doutrina e desses dogmas é apenas aparente.

Mais tarde, vamos mostrar que a religião esteja talvez menos distante do que pensamos da ciência e que não sofreria mais do que já sofreu com a descoberta do movimento da Terra e dos períodos geológicos que, à primeira vista, pareceram desmentir os textos sagrados. O princípio da reencarnação aparece em várias passagens das Escrituras e se encontra notavelmente formulado e explícito, no Evangelho.

'Quando desciam da montanha (depois da transfiguração), Jesus lhes fez esta recomendação: 'Não faleis a ninguém do que acabastes de ver, até que o Filho do homem tenha ressuscitado, dentre os mortos'. Perguntaram-lhe então seus discípulos: 'Por que os escribas dizem ser preciso que primeiro venha Elias?' Respondeu-lhes Jesus: 'É certo que Elias há de vir e que restabelecerá todas as coisas. Mas, eu vos declaro que Elias já veio, e eles não o conheceram e o fizeram sofrer como entenderam. Do mesmo modo, darão a morte ao Filho do homem.' Então, seus discípulos compreenderam que ele se referia a João Batista. (São Mateus, cap. XVII.). Pois se João Batista foi Elias, houve a reencarnação do Espírito ou da alma de Elias no corpo de João Batista.

Em suma, qualquer que seja a opinião que se tenha da reencarnação, quer a aceitemos ou não, isso não constituirá motivo para que deixemos de sofrê-la se ela existe, ainda que prevaleçam as crenças contrárias. O essencial é que o ensino dos Espíritos é eminentemente cristão. Apóia-se na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, na justiça de Deus, no livre-arbítrio do homem, na moral do Cristo. Logo, não é anti-religioso.

Como já dissemos, temos raciocinado, independente de qualquer ensinamento espírita que, para certas pessoas, carece de autoridade.

Contudo, não foi somente porque veio dos Espíritos que nós e tantos outros nos fizemos adeptos da pluralidade das existências. É porque essa doutrina nos pareceu a mais lógica e porque só ela resolve questões até então insolúveis.

Ainda que fosse de autoria de um simples mortal, tê-la-íamos igualmente adotado e não hesitaríamos em renunciar às ideias que esposávamos. Percebido o erro, o amor-próprio tem mais a perder que ganhar, se nos obstinamos em sustentar uma ideia falsa. Assim também, teríamos a repellido, mesmo que provindo dos Espíritos, se nos parecesse contrária à razão, como repelimos muitas outras, pois sabemos, por experiência, que não se deve aceitar cegamente tudo o que venha dos Espíritos, da mesma forma que não devemos adotar, às cegas, tudo que proceda dos homens. O maior valor que nos recomenda é a ideia da reencarnação ser, antes de tudo, lógica. O outro valor que ela apresenta é o de confirmarem os fatos, fatos positivos e por bem dizer, materiais, que um estudo atento e criterioso revela a quem se dê ao trabalho de observar com paciência e perseverança e diante dos quais não há mais lugar para a dúvida. Quando esses fatos se houverem divulgado, como os da formação e do movimento da Terra, forçoso será que todos se rendam à evidência e os que se colocaram em oposição ver-se-ão constrangidos a desdizer-se.

Reconheçamos, portanto, em resumo, que só a doutrina da pluralidade das existências explica o que, sem ela, se mantém inexplicável; que é altamente consoladora e conforme à mais rigorosa justiça; que constitui para o homem a âncora de salvação que Deus, por misericórdia, lhe concedeu.

As próprias palavras de Jesus não permitem dúvida a tal respeito. Eis o que se lê no Evangelho de São João, capítulo III:

'Respondendo a Nicodemos, disse Jesus: Em verdade, te digo que, se

um homem não nascer de novo, não poderá ver o reino de Deus.'

Disse-lhe Nicodemos: 'Como pode um homem nascer já estando velho? Pode retornar ao ventre de sua mãe para nascer segunda vez?'

Respondeu Jesus: 'Em verdade, te digo que, se um homem não renascer da água e do Espírito, não poderá entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. Não te admires de que eu te tenha dito: é necessário que torneis a nascer.

A ressurreição do corpo

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

1010. O dogma da ressurreição da carne será a consagração da reencarnação ensinada pelos Espíritos?

'Como quereríeis que fosse de outro modo? Conforme sucede com tantas outras, estas palavras só parecem despropositadas, para algumas pessoas, porque as tomam ao pé da letra. Levando, conseqüentemente, à incredulidade. Se uma interpretação lógica fosse dada, os livres pensadores as admitiriam sem dificuldades, porque a explicação reflete a razão. Porque, não vos enganeis, esses livres pensadores, o que mais pedem e desejam - é crer! Têm, como os outros, ou, talvez até mais que os outros, a sede do futuro, mas não podem admitir o que a Ciência desmente. A doutrina da pluralidade das existências é apropriada com a justiça de Deus; só ela explica o que, sem ela, é inexplicável. Como havíeis de pretender que o seu princípio não estivesse na própria religião?'

- Assim, pelo dogma da ressurreição da carne, a própria Igreja ensina a doutrina da reencarnação?

'É evidente, além disso, essa doutrina decorre de muitas coisas que têm passado despercebidas e que em breve, mais um pouco se compreenderá, neste sentido. Reconhecer-se-á em breve que o Espiritismo ressalta o texto das Escrituras sagradas. Os Espíritos, portanto, não vêm subverter a religião, como alguns o pretendem. Vêm, ao contrário, confirmá-la, sancioná-la por provas irrecusáveis. Como, porém, são chegados os tempos de não termos mais que

empregar a linguagem figurada, os bons Espíritos se exprimem sem alegorias e dão às coisas sentido claro e preciso, que não possa estar sujeito a qualquer interpretação falsa. Eis por que, daqui a algum tempo, muito maior será o número de pessoas sinceramente religiosas e crentes.' São Luís.

Efetivamente, a Ciência demonstra a impossibilidade da ressurreição, segundo a ideia vulgar. Se os despojos do corpo humano se conservassem homogêneos, embora dispersos e reduzidos a pó, ainda se conceberia que pudessem reunir-se em dado momento. As coisas, porém, não se passam assim. O corpo é formado de elementos diversos: o oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono, etc. Pela decomposição, esses elementos se dispersam, mas com o objetivo de servir à formação de novos corpos, de tal forma que uma mesma molécula, de carbono, por exemplo, pode ter entrado na composição de milhares de corpos diferentes (falamos unicamente dos corpos humanos, sem levar em conta os dos animais); que um indivíduo tem talvez em seu corpo moléculas que já pertenceram a homens das primitivas idades do mundo; que essas mesmas moléculas orgânicas que vocês absorvem nos alimentos provêm, possivelmente, do corpo de outro indivíduo que conheceram e assim por diante.

Existindo em quantidade definida a matéria e sendo indefinidas as suas combinações, como poderia cada um daqueles corpos reconstituir-se com os mesmos elementos? Há aí impossibilidade material. Racionalmente, pois, não se pode admitir a ressurreição da carne, senão como uma figura simbólica do fenômeno da reencarnação. E, então, nada mais há que aberre a razão, que esteja em contradição com os dados da Ciência.

É verdade que, segundo o dogma, essa ressurreição somente no fim dos tempos se dará, ao passo que, segundo a doutrina Espírita,

ocorre todos os dias. Mas, nesse quadro do julgamento final, não haverá uma grande e bela imagem a ocultar, sob o véu da alegoria, uma dessas verdades imutáveis, em presença das quais deixará de haver cépticos, desde que lhes seja restituída a verdadeira significação? Dignem-se de meditar a teoria espírita sobre o futuro das almas e sobre a sorte que lhes cabe, por efeito das diferentes provas que lhes cumpre sofrer, e verão que, exceção feita da simultaneidade, o juízo que as condena ou as absolve não é uma ficção, como pensam os incrédulos. Notemos mais que aquela teoria é a consequência natural da pluralidade dos mundos, hoje perfeitamente admitida, enquanto que, segundo a doutrina do juízo final, a Terra passa por ser o único mundo habitado.

Metempsicose

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

611. Por terem os seres vivos uma origem comum no princípio inteligente, não seria a consagração da doutrina da metempsicose?

‘Duas coisas podem ter a mesma origem e absolutamente não se assemelharem mais tarde. Quem reconheceria a árvore, com suas folhas, flores e frutos, do gérmen informe que se contém na semente donde ela surge? Desde que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser Espírito e entrar no período da humanização, já não guarda relação com o seu estado primitivo e já não é a alma dos animais, como a árvore já não é a semente.

De animal só há no homem o corpo e as paixões que nascem da influência do corpo e do instinto de conservação inerente à matéria. Não se pode, pois, dizer que tal homem é a encarnação do Espírito de tal animal. Conseqüentemente, a metempsicose, como a entendem não é verdadeira.’

612. O Espírito que animou o corpo de um homem poderia encarnar num animal?

‘Isso seria retroceder e o Espírito não retrograda. O rio não remonta à sua nascente.’

613. Embora de todo errônea, a ideia ligada à metempsicose não terá resultado do sentimento intuitivo que o homem possui de suas diferentes existências?

‘Nessa, como em muitas outras crenças, se depara esse sentimento intuitivo. O homem, porém, o desnaturou, como costuma fazer com a

maioria de suas ideias intuitivas.' A metempsicose seria verdadeira se indicasse a progressão da alma, passando de um estado a outro, superior, onde adquirisse desenvolvimentos que lhe transformassem a natureza. É, porém, falsa no sentido de transmigração direta da alma do animal para o homem e reciprocamente, o que implicaria a ideia de uma retrogradação, ou de fusão. Ora, o fato de não poder semelhante fusão operar-se, entre os seres corporais das duas espécies, mostra que estas espécies são de graus inassimiláveis, devendo dar-se o mesmo com relação aos Espíritos que as animam. Se um mesmo Espírito as pudesse animar alternativamente, haveria, como consequência, uma identidade de natureza, traduzindo-se pela possibilidade da reprodução material.

A reencarnação, como os Espíritos a ensinam, se funda, ao contrário, na marcha ascendente da Natureza e na progressão do homem, dentro da sua própria espécie, o que em nada lhe diminui a dignidade. O que o rebaixa é o mau uso que ele faz das faculdades que Deus lhe outorgou para que progrida. Seja como for, a ancianidade e a universalidade da doutrina da metempsicose e a circunstância de a terem professado homens eminentes, provam que o princípio da reencarnação se encontra enraizado na própria Natureza. Antes, pois, constituem argumentos a seu favor, que contrários a esse princípio. O ponto inicial do Espírito é uma dessas questões que se prendem à origem das coisas e de que Deus guarda o segredo. Não é dado ao homem conhecer todos os segredos, nada mais lhe sendo possível a tal respeito do que fazer suposições, criar sistemas mais ou menos prováveis. Os próprios Espíritos estão longe de tudo saberem e, acerca do que não sabem, também podem ter opiniões pessoais mais ou menos sensatas. É assim, por exemplo, que nem todos pensam da mesma forma quanto às relações existentes entre o homem e os animais. Segundo uns, o Espírito não chega ao

período humano senão depois de haver se elaborado e se individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação.

Segundo outros, o Espírito do homem teria pertencido sempre à raça humana, sem passar pela fieira animal. O primeiro desses sistemas apresenta a vantagem de assinar um alvo ao futuro dos animais, que formariam então os primeiros elos da cadeia dos seres pensantes. O segundo é mais conforme com a dignidade do homem e pode resumir-se da maneira seguinte: as diferentes espécies de animais não procedem intelectualmente umas das outras, mediante progressão.

Assim, o espírito da ostra não se torna sucessivamente o do peixe, do pássaro, do quadrúpede e do quadrúmano. Cada espécie constitui, física e moralmente, um tipo absoluto, cada um de cujos indivíduos haure na fonte universal a quantidade do princípio inteligente que lhe seja necessário, de acordo com a perfeição de seus órgãos e com o trabalho que tenha de executar nos fenômenos da Natureza, quantidade que ele, por sua morte, restitui ao reservatório donde a tirou.

Os animais dos mundos mais adiantados que o nosso constituem igualmente raças distintas, apropriadas às necessidades desses mundos e ao grau de adiantamento dos homens, cujos auxiliares eles são, mas de modo nenhum procedem da Terra, espiritualmente falando. Outro tanto não se dá com o homem. Do ponto de vista físico, o homem forma evidentemente um elo da cadeia dos seres vivos: porém, do ponto de vista moral, há, entre o animal e o homem, solução de continuidade. O homem possui, como propriedade sua, a alma ou Espírito, centelha divina que lhe confere o senso moral e um alcance intelectual de que carecem os animais e que é nele o ser principal, que preexiste e sobrevive ao corpo, conservando sua individualidade.

Qual é a origem do Espírito? Onde é o seu ponto inicial? Forma-se do princípio inteligente individualizado? Tudo isso são mistérios que é inútil querer devassar e sobre os quais, como dissemos, nada mais se pode fazer do que construir sistemas. O que é constante, o que ressalta do raciocínio e da experiência é a sobrevivência do Espírito, a conservação de sua individualidade após a morte, a progressividade de suas faculdades, seu estado feliz ou desgraçado de acordo com o seu adiantamento na senda do bem e todas as verdades morais decorrentes deste princípio.

Quanto às relações misteriosas que existem entre o homem e os animais, isso, repetimos, está nos segredos de Deus, como muitas outras coisas, cujo conhecimento atual nada importa ao nosso progresso e sobre as quais seria inútil determo-nos.

A pluralidade das existências

O LIVRO DOS ESPÍRITOS - DA REENCARNAÇÃO

166. Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se?

Sofrendo a prova de uma nova existência.

a) - Como se realiza essa nova existência? Será pela sua transformação como Espírito?

Depurando-se, a alma indubitavelmente experimenta uma transformação, mas para isso a prova da vida corporal lhe é necessária.

b) - A alma passa então por muitas existências corporais?

Sim, todos tivemos muitas existências. Os que dizem o contrário, pretendem mantê-los na mesma ignorância em que eles próprios se encontram. Esse é o desejo deles.

c) - Parece resultar desse princípio que a alma, depois de haver deixado um corpo, toma outro, ou seja, reencarna em novo corpo. E assim que se deve entender?

Evidentemente.

167. Qual o fim objetivado com a reencarnação?

Expição, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde estaria a Justiça?

168. É limitado o número das existências corporais, ou o Espírito reencarna perpetuamente?

A cada nova existência, o Espírito dá um passo para diante na senda do progresso. Se ele se encontrar totalmente depurado, não tem mais

necessidade das provas da vida corporal.

169. É invariável o número das encarnações para todos os Espíritos?

Não; aquele que caminha depressa, se poupa das provas. Todavia, as encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, porquanto o progresso é quase infinito.

170. O que fica sendo o Espírito depois da sua última encarnação?

Espírito bem-aventurado; um Espírito puro.

Justiça da reencarnação

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

171. Em que se funda o dogma da reencarnação?

Na justiça de Deus e na revelação, pois incessantemente repetimos: o bom pai deixa sempre aberta a seus filhos uma porta para o arrependimento. Não te diz a razão que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna, aqueles de quem não dependeu o melhoramento? Não são filhos de Deus todos os homens? Só entre os egoístas se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem remissão.

Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provações da vida corporal. Sua justiça, porém, lhes concede realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova. Não obraria Deus com equidade, nem de acordo com a Sua bondade, se condenasse para sempre os que talvez hajam encontrado, oriundos do próprio meio onde foram colocados e alheios à vontade que os animava, obstáculos ao seu melhoramento. Se a sorte do homem se fixasse irrevogavelmente depois da morte, Deus não usaria a mesma e única balança em que pesaria as ações das criaturas e não haveria imparcialidade em seu tratamento para com as criaturas..

A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir que o Espírito tem muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que temos da justiça de Deus para com os

homens que se acham em condição moral inferior. A única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provações. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam.

O homem, que tem consciência da sua inferioridade, consegue obter consoladora esperança na doutrina da reencarnação. Se crê na justiça de Deus, não pode contar que venha a se achar, para sempre, em pé de igualdade com os que fizeram mais do que ele. Porém, a ideia de que aquela inferioridade não o deserda eternamente do supremo bem e que, mediante novos esforços, será possível conquistá-lo, alimentam-o e reanima a sua coragem. Quem é que, ao cabo da sua carreira, não deplora haver tão tarde ganho uma experiência de que já não mais pode tirar proveito? Entretanto, essa experiência tardia não fica perdida; o Espírito a utilizará em nova existência.

Encarnação em diferentes mundos

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

172. As nossas diversas existências corporais se verificam todas na Terra?

‘Não, vivemo-las em diferentes mundos. As que aqui passamos não são as primeiras, nem as últimas. São, porém, das mais materiais e das mais distantes da perfeição.’

173. A cada nova existência corporal a alma passa de um mundo para o outro, ou pode ter muitas existências no mesmo globo?

‘Pode viver muitas vezes no mesmo globo, se não progrediu bastante para passar a um mundo superior.’

a) - Podemos então, reaparecer muitas vezes na Terra?

‘Certamente.’

b) - Podemos voltar a este planeta, depois de termos vivido em outros mundos?

‘Sem dúvida. É possível que já tenha vivido em outros planetas e na Terra.’

174. - Tornar a viver na Terra constitui uma necessidade?

‘Não; mas, se não progredistes, podereis ir para outro mundo que não valha mais do que a Terra e que talvez até seja pior do que ela.’

175. Haverá alguma vantagem em voltar a habitar a Terra?

‘Nenhuma vantagem particular, a menos que seja em missão, caso em que se progride aí como em qualquer planeta.’

a) - Não seríamos mais felizes permanecendo na condição de Espírito?

'Não, estacionaríamos e o que se quer é caminhar para Deus.'

Encarnação em mundos diferentes

185. O estado físico e moral dos seres vivos é perpetuamente o mesmo em cada minuto?

'Não; os mundos também estão sujeitos à lei do progresso. Todos começaram, como o vosso, por um estado inferior e a própria Terra sofrerá idêntica transformação. Tornar-se-á um paraíso, quando os homens se houverem tornado bons.'

É assim que as raças, que hoje povoam a Terra, desaparecerão um dia, substituídas por seres cada vez mais perfeitos, pois que essas novas raças transformadas sucederão às atuais, como estas sucederam a outras ainda mais grosseiras.

192. Pode alguém, por um proceder impecável na vida atual, transpor todos os graus da escala do aperfeiçoamento e tornar-se Espírito puro, sem passar por outros graus intermediários?

'Não, pois o que o homem julga perfeito longe está da perfeição. Há qualidades que lhe são desconhecidas e incompreensíveis. Poderá ser tão perfeito quanto o comporte a sua natureza terrena, mas isso não é a perfeição absoluta. Dá-se com o Espírito o que se verifica com a criança que, por mais precoce que seja, tem de passar pela juventude, antes de chegar à idade da maturidade; e também com o enfermo que, para recobrar a saúde, tem de passar pela convalescença. Demais, ao Espírito cumpre progredir em ciência e em moral. Se somente se adiantou num sentido, é importante que se adiante no outro, para atingir o extremo superior da escala. Contudo, quanto mais o homem se adiantar na sua vida atual, tanto menos longas e penosas lhe serão as provas que terá que enfrentar.'

a) - Pode ao menos o homem, na vida presente, preparar com segurança, para si, uma existência futura menos amarga?

'Sem dúvida. Pode reduzir a extensão e as dificuldades do caminho.

Só o descuidado permanece sempre no mesmo ponto.'

193. Pode um homem, nas suas novas existências, descer mais baixo do que esteja na atual?

'Com relação à posição social, sim; como Espírito, não.'

196. Não podendo os Espíritos aperfeiçoar-se, a não ser por meio do sofrimento da existência corpórea, segue-se que a vida material seja uma espécie de depurador, por onde têm que passar todos os seres do mundo espírita para alcançarem a perfeição?

'Sim, é exatamente isso. Eles se melhoram nessas provas, evitando o mal e praticando o bem; porém, somente depois de longo tempo, conforme os esforços que tiver empregado, após muitas encarnações, atingem a finalidade para que tendem.'

a) - É o corpo que influi sobre o Espírito para que este se melhore, ou o Espírito que influi sobre o corpo?

'Teu Espírito é tudo; teu corpo é simples veste que apodrece: - eis tudo.'

O destino das crianças após a morte

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

197. O Espírito de uma criança que morreu em tenra idade, poderá ser tão adiantado quanto o de um adulto?

'Algumas vezes o é muito mais, porquanto pode dar-se que muito mais já tenha vivido e adquirido maior soma de experiência, sobretudo se progrediu.'

a) - Pode então o Espírito de uma criança ser mais adiantado que o de seu pai?

'Isso é muito frequente. Vocês mesmos não o vêem tantas vezes, na Terra?'

198. Não tendo podido praticar o mal, o Espírito de uma criança que morreu em tenra idade pertence a alguma das categorias superiores?

'Se não fez o mal, igualmente não fez o bem e Deus não o isenta das provas que tenha de padecer. Se for um Espírito puro, não o é pelo fato de ter sido uma criança, mas porque já tinha progredido até a pureza.'

199. Por que tão frequentemente a vida se interrompe na infância?

'A curta duração da vida da criança pode representar, para o Espírito que a animava, o complemento de existência precedentemente interrompida antes do momento em que deveria terminar, e sua morte, também não raro, constitui provação ou expiação para os pais.'

Que sucede ao Espírito de uma criança que morre pequenina?

'Recomeça outra existência. Se uma única existência tivesse o

homem e se ela extinguindo-se, sua sorte ficasse decidida para a eternidade, qual seria o mérito de metade do gênero humano, que morre na infância, para gozar, sem esforços, da felicidade eterna e com que direito se acharia isenta das condições, às vezes tão duras, a que se vê submetida a outra metade?

Semelhante ordem de coisas não corresponderia à justiça de Deus. Com a reencarnação, a igualdade é real para todos. O futuro a todos toca sem exceção e sem favor para quem quer que seja. Os retardatários só de si mesmos podem se queixar. Forçoso é que o homem tenha o merecimento de seus atos, assim como sua responsabilidade. Aliás, não é racional considerar a infância como um estado normal de inocência. Não se vêem crianças dotadas dos piores instintos, numa idade em que ainda nenhuma influência pode ter tido a educação? Não existem alguns que parecem trazer do berço a astúcia, a felonía, a falsidade, até o pendor para o roubo e o assassinio, não obstante os bons exemplos que de todos os lados recebe? A lei civil as absolve de seus crimes, porque, diz ela, obraram sem discernimento. Tem razão a lei, porque, de fato, elas obram mais por instinto do que intencionalmente.

De onde, porém, provirão instintos tão diversos em crianças da mesma idade, educadas em condições idênticas e sujeitas às mesmas influências? De onde vem a precoce perversidade, senão da inferioridade do Espírito, uma vez que a educação em nada contribuiu para isso? As que se revelam viciosas, é porque seus Espíritos muito pouco progrediram. Sofrem as consequências, por efeito dessa falta de progresso, não dos atos que praticam na infância, mas de suas existências anteriores. Assim é que a lei é uma só para todos e que todos são atingidos pela justiça de Deus.

Parentes

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

203. Transmitem os pais aos filhos uma parcela de suas almas, ou limitam-se a lhes dar a vida animal a que, mais tarde, outra alma vem adicionar a vida moral?

‘Dão-lhes apenas a vida animal, pois que a alma é indivisível. Um pai obtuso pode ter filhos inteligentes e vice-versa.’

204. Uma vez que temos tido muitas existências, a nossa parentela vai além da que a existência atual nos criou?

‘Não pode ser de outra maneira. A sucessão das existências corporais estabelece entre os Espíritos ligações que remontam às existências anteriores. Daí, muitas vezes, a simpatia que vem a existir entre vocês e certos Espíritos que lhes parecem estranhos.’

205. Para algumas pessoas a doutrina da reencarnação é destruidora dos laços de família, por fazê-los anteriores à existência atual. Ela os dilata; não os destrói. Fundando-se o parentesco em afeições anteriores, menos precários são os laços existentes entre os membros de uma mesma família. Essa doutrina amplia os deveres da fraternidade, porquanto, no vosso vizinho, ou no vosso empregado, pode achar-se um Espírito a quem você já tenha estado preso por laços de sangue. Essa doutrina, no entanto, diminui a importância que alguns dão à genealogia, visto que qualquer um pode ter tido por pai, um Espírito que tenha pertencido a outra raça, ou vivido em condição muito diversa. Mas essa importância funda-se no orgulho. Os títulos, a categoria social, a riqueza, eis o que esses tais veneram

nos seus antepassados. Envergonhar-se-ia de contar ter tido como pai um honrado sapateiro, mas se orgulharia de descender de um cavalheiro devasso. Digam, porém, o que disserem, ou façam o que fizerem, não contrariarão que as coisas sejam como são, pois Deus não consultou-lhes a vaidade para formular as leis da Natureza.

206. Do fato de não haver filiação entre os Espíritos dos descendentes de qualquer família, seguir-se-á que o culto dos avoengos seja ridículo?

De modo nenhum. Todo homem deve considerar-se feliz por pertencer a uma família em que encarnaram Espíritos elevados. Se bem que os Espíritos não procedam uns dos outros, nem por isso menos afeição consagram aos que estão ligados pelos elos da família, dado que muitas vezes são atraídos para tal ou qual família pela simpatia, ou pelos laços que anteriormente se estabeleceram. Mas, fiquem certos de que os vossos antepassados não se honram com o culto que lhes tributam por orgulho. Não se refletem em vocês. Os méritos que eles gozam, senão na medida dos esforços que empregam por seguir os bons exemplos que lhes deram. Somente nestas condições lhes é grata e até mesmo útil a lembrança que deles guardam.

215. O que dá origem ao caráter distintivo que se nota em cada povo?

Também os Espíritos se agrupam em famílias, formando-as pela analogia de seus pendores mais ou menos puros, conforme a elevação que tenham alcançado. Pois bem! Um povo é uma grande família formada pela reunião de Espíritos simpáticos. Na tendência que apresentam os membros dessas famílias, para se unirem, é que está a origem da semelhança que, existindo entre os indivíduos, constitui o caráter distintivo de cada povo. Julga que Espíritos bons e humanitários procurem, para nele encarnar, um povo rude e

grosseiro? Não. Os Espíritos simpatizam com as coletividades, como simpatizam com os indivíduos. Eles se acham no meio que lhes é próprio, dentro daquelas coletividades em cujo seio se encontrem.

216. Em suas novas existências conservará o Espírito traços do caráter moral de suas existências anteriores?

Isso pode acontecer. Mas, melhorando-se, ele muda. Pode também acontecer que sua posição social venha a ser outra. Se de senhor passa a escravo, inteiramente diversos serão os seus gostos e dificilmente o reconheceria. Sendo o Espírito sempre o mesmo nas diversas encarnações, podem existir certas analogias entre as suas manifestações, se bem que modificadas pelos hábitos da posição que ocupe, até que um aperfeiçoamento notável tenha mudado completamente o caráter, porquanto, de orgulhoso e mau, pode tornar-se humilde e bondoso, se arrependeu-se.

217. E do caráter físico de suas existências passadas, conserva o Espírito traços nas suas existências posteriores?

O novo corpo que ele toma, nenhuma relação tem com o que foi anteriormente destruído. Entretanto, o Espírito se reflete no corpo. Sem dúvida que este é unicamente matéria, porém, o corpo se modela pelas capacidades do Espírito, que lhe imprime certo cunho, sobretudo no rosto. Então, é verdadeiro dizer que os olhos são o espelho da alma, isto é, que o semblante do indivíduo reflete a alma. Assim é que uma pessoa excessivamente feia, quando nela habita um Espírito bom, criterioso, humanitário, tem qualquer coisa que agrada, ao passo que há rostos belíssimos que nenhuma impressão causam, que até chegam a inspirar repulsão. Poderíamos supor que somente corpos bem moldados servem de envoltórios aos Espíritos mais perfeitos, quando o certo é que todos os dias nos deparamos com homens de bem, sob um exterior disforme.

Sem que haja pronunciada parecença, a semelhança dos gostos e

inclinações pode dar, portanto, 'um ar de família.' Sem contudo, manter alguma relação essencial com o corpo que a alma toma numa encarnação com o de que se revestiu em encarnação anterior, visto que aquele corpo de uma existência passada pode vir de procedência muito diversa desta. É errado supor que, numa série de existências, haja uma semelhança que não é senão fortuita. Todavia, as qualidades do Espírito, frequentemente modificam os órgãos que lhe servem para as manifestações e imprimem ao semblante físico e até ao conjunto de suas maneiras um cunho especial. É assim que, sob um envoltório corporal da mais humilde aparência, podemos nos deparar com a expressão da grandeza e dignidade, enquanto que sob um envoltório de aspecto distinto podemos perceber frequentemente expressões da baixeza e ignomínia. Não é pouco frequente observarmos que certas pessoas, elevando-se da mais ínfima posição, adquirem, sem esforços, os hábitos e as maneiras da alta sociedade. Parece que elas, nesse meio, vêm acharem-se de novo no seu elemento. Outras, contrariamente, apesar do nascimento e da educação, mostram-se sempre deslocadas em tal meio. Como explicar tal fato, senão como o reflexo daquilo que o Espírito foi antes?

Ideias inatas

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

218. Encarnado, o Espírito conserva algum vestígio das percepções que teve e dos conhecimentos que adquiriu nas existências anteriores?

Guarda vaga lembrança, que lhe dá o que se chama ideias inatas.

Não é, então, quimérica a teoria das ideias inatas?

Não; os conhecimentos adquiridos em cada existência não se perdem. Libertado da matéria, o Espírito sempre os tem presentes. Durante a encarnação, esquece-os em parte, momentaneamente; porém, a intuição que se conserva auxilia o progresso. Se não fosse assim, teria que recomeçar constantemente. Em cada nova existência, o ponto de partida, para o Espírito, é o que, na existência precedente, ele ficou.

Existe uma grande conexão entre duas existências consecutivas?

Nem sempre tão grande quanto supomos, porque são bem diferentes, muitas vezes, as posições do Espírito nas duas e que, no intervalo de uma e outra, pode ele ter progredido.

219. Qual é a origem das faculdades extraordinárias dos indivíduos que, sem estudo prévio, parecem ter a intuição de certos conhecimentos, como as línguas, o cálculo, etc.?

Lembrança do passado, progresso anterior da alma, mas do qual ela mesma não tem consciência. De onde mais poderia ser? Os corpos mudam, mas o Espírito não muda, embora troque a vestimenta.

220. Pode o Espírito, mudando de corpo, perder algumas faculdades

intelectuais, deixar de ter, por exemplo, o gosto pelas artes?

Sim, desde que abusou de sua inteligência ou a utilizou mal. Além disso, uma faculdade qualquer pode permanecer adormecida durante uma existência, por querer o Espírito exercitar outra, que nenhuma relação tem com aquela. Essa, então, fica em estado latente, para reaparecer mais tarde.

Espíritos errantes

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

223. A alma reencarna logo depois de ter se separado do corpo?

Algumas vezes, reencarna imediatamente, porém, normalmente, só o faz depois de intervalos mais ou menos longos. Nos mundos superiores, a reencarnação é quase sempre imediata. Nesses meios, a matéria corporal é menos grosseira, então, o Espírito encarnado nesses mundos, goza quase que de todas as suas faculdades de Espírito, sendo o seu estado normal o dos sonâmbulos lúcidos.

224. Que é a alma no intervalo das encarnações?

Espírito errante, que aspira a novo destino, que espera.

Quanto podem durar esses intervalos?

Desde algumas horas até alguns milhares de séculos. Propriamente falando, não existe um limite estabelecido para o estado de erraticidade, que pode prolongar-se muitíssimo, mas que nunca é eterna. cedo ou tarde, o Espírito terá que voltar a uma existência apropriada para a purificação das máculas de suas existências precedentes.

Essa duração depende da vontade do Espírito, ou pode ser imposta como expiação?

É uma consequência do livre-arbítrio. Os Espíritos sabem perfeitamente o que fazem. Mas, também, para alguns, constitui uma punição que Deus lhes inflige. Alguns pedem para que ela se prolongue, a fim de continuarem estudos que só na condição de Espírito livre podem efetuar com proveito.

225. A erraticidade é, por si só, um sinal de inferioridade dos Espíritos?

Não, porquanto há Espíritos errantes de todos os graus. Como dissemos, a encarnação é um estado transitório. O Espírito se acha em seu estado normal, quando liberto da matéria.

Escolha de provas

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

258. Quando na erraticidade, antes de começar nova existência corporal, tem o Espírito consciência e previsão do que lhe sucederá no curso da vida terrena?

Ele próprio escolhe o gênero de provas por que há de passar e nisso consiste o seu livre-arbítrio.

Não é Deus, então, quem lhe impõe as tribulações da vida, como castigo?

Nada ocorre sem a permissão de Deus, porquanto foi Deus quem estabeleceu todas as leis que regem o Universo. Você pode perguntar: por que Ele decretou esta lei e não aquela outra? Dando ao Espírito a liberdade de escolher, Deus lhe deixa a inteira responsabilidade de seus atos e consequências. Nada lhe atrapalha o futuro. Assim, o caminho do bem e do mal estão abertos. Se vier a sucumbir, resta-lhe a consolação de que nem tudo acabou e que a bondade divina lhe concede a liberdade de recomeçar o que foi mal feito. Além disso, é importante distinguir o que é obra da vontade de Deus da do homem. Se um perigo o ameaça, não foi você quem o criou e sim Deus. Porém, foi seu o desejo de a ele se expor, por haver visto nisso um meio de progredir, e Deus o permitiu.

259. Do fato de pertencer ao Espírito a escolha do gênero de provas que deve sofrer, todos os obstáculos que experimentamos na vida, nós os previmos e buscamos?

Todos não, porque vocês não escolheram e previram tudo o que

sucedirá no mundo, até às mínimas coisas. Escolheram apenas o gênero das provações. As particularidades correm por conta da posição em que vocês se acham; são, muitas vezes, consequências das vossas próprias ações. Escolhendo, por exemplo, nascer entre malfeitores, o Espírito sabia a que arrastamentos se exporia; ignorava, porém, quais os atos que viria a praticar. Esses atos resultam do exercício da sua vontade, ou do seu livre-arbítrio. Sabe o Espírito que, escolhendo um determinado caminho, terá que sustentar lutas de determinada espécie; sabe, portanto, de que natureza serão as vicissitudes que ocorrerão, mas ignora se acontecerá este ou aquele êxito. Os acontecimentos secundários originam-se das circunstâncias e da força mesma das coisas. Previstos só são os fatos principais, os que influem no destino. Se escolher uma estrada cheia de sulcos profundos, sabe que terá que andar cautelosamente, porque existem muitas probabilidades de cair. Contudo, ignora em que ponto cairá e bem pode suceder que não caia, se for bastante prudente. Se, ao percorrer uma rua, uma telha cair na sua cabeça, não creia que estava escrito, segundo vulgarmente se diz.

260. Como pode o Espírito desejar nascer entre gente de má vida?

Forçoso é que seja posto em um ambiente onde possa sofrer a prova que pediu. Pois bem! É necessário que haja analogia. Para lutar contra o instinto do roubo, é preciso que se ache em contato com pessoas com tendência ao roubo. Assim, se não houvesse na Terra pessoas de maus costumes, o Espírito não poderia, pois, aí encontrar meio apropriado ao sofrimento de certas provas? E seria isso de lastimar-se? É o que ocorre nos mundos superiores, onde o mal não existe. Eis por que nesses mundos, só há Espíritos bons. Faze com que em breve o mesmo se dê na Terra.

De volta ao corpo

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

330. Sabem os Espíritos em que época reencarnarão?

Pressentem-na, como sucede ao cego que se aproxima do fogo. Sabem que têm que retomar um corpo, como sabem que têm de morrer um dia, mas ignoram quando isso se dará.

a) - Então, a reencarnação é uma necessidade da vida espírita, como a morte o é da vida corporal?

Certamente; é assim.

331. Todos os Espíritos se preocupam com a sua reencarnação?

Existem muitos que em tal coisa não pensam, que nem sequer a compreendem. Depende de estarem mais ou menos adiantados. Para alguns, a incerteza do futuro que os aguarda constitui punição.

332. Pode o Espírito apressar ou retardar o momento da sua reencarnação?

Pode apressá-lo, atraindo-o por um desejo ardente. Pode igualmente distanciá-lo, recuando diante da prova, pois entre os Espíritos também há covardes e indiferentes. Nenhum, porém assim procede impunemente, visto que sofre por isso, como aquele que recusa o remédio capaz de o curar.

333. Se um Espírito se considerasse bastante feliz, numa condição mediana entre os Espíritos errantes e, conseguintemente, não ambicionasse elevar-se, ele poderia prolongar indefinidamente esse estado?

Indefinidamente, não. Cedo ou tarde, o Espírito sente a necessidade

de progredir. Todos têm que se elevar; esse é o destino de todos.

339. No momento de encarnar, o Espírito sofre perturbação semelhante à que experimenta ao desencarnar?

Muito maior e sobretudo mais longa. Pela morte, o Espírito sai da escravidão; pelo nascimento, entra nela.

340. É solene para o Espírito o instante da sua encarnação? Pratica ele esse ato considerando-o grande e importante?

Procede como o viajante que embarca para uma travessia perigosa e que não sabe se encontrará ou não a morte nas ondas que decide afrontar. O viajante que embarca sabe a que perigo se lança, mas não sabe se naufragará. O mesmo se dá com o Espírito: conhece o gênero das provas a que se submete, mas não sabe se sucumbirá. Assim como para o Espírito, a morte do corpo é uma espécie de renascimento, a reencarnação é uma espécie de morte, ou antes, de exílio, de clausura. Ele deixa o mundo dos Espíritos para entrar no mundo corporal, como o homem deixa este mundo pelo espiritual. Sabe que reencarnará, como o homem sabe que morrerá. Mas, com relação à morte, o Espírito só no instante supremo, quando chegou o momento predestinado, tem consciência de que vai reencarnar. Então, como o homem em agonia, dele se apodera a perturbação, que se prolonga até que a nova existência se ache positivamente encetada. À aproximação do momento de reencarnar, sente uma espécie de agonia.

341. Na incerteza em que se encontra, quanto às eventualidades do seu triunfo nas provas que vai suportar na vida, tem o Espírito uma causa de ansiedade antes da sua encarnação?

De ansiedade bem grande, pois essas provas da sua existência futura retardarão ou farão avançar, conforme as suporte.

342. No momento de reencarnar, o Espírito se acha acompanhado de outros Espíritos amigos, que vêm assistir a sua partida do mundo

incorpóreo, como vêm recebê-lo quando para lá volta?

Depende da esfera a que pertença. Se encontra-se em esferas em que já reina a afeição, os Espíritos que lhe querem bem o acompanham até o último momento, animam e mesmo lhe seguem, muitas vezes, os passos pela vida.

343. Os que vemos em sonho, que nos testemunham o afeto e que se nos apresentam com desconhecidos semblantes, são os Espíritos de amigos que nos seguem os passos na vida?

Muito frequentemente são eles que vêm nos visitar, como vocês vão visitar um encarcerado.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

3. Após a transfiguração, seus discípulos o interrogam desta forma: 'Por que dizem os escribas ser preciso que antes volte Elias?' - Jesus lhes respondeu: 'É verdade que Elias há de vir e restabelecer todas as coisas: - mas, eu vos declaro que Elias já veio e eles não o conheceram e o trataram como lhes aprouve. É assim que farão sofrer o Filho do Homem.' - Então, seus discípulos compreenderam que fora de João Batista que ele falara. (São Mateus, capítulo XVII, v 10-13;. São Marcos, capítulo XVIII, versículo 10, 11, 12).

Ressurreição e reencarnação

4. A reencarnação fazia parte dos dogmas judaicos, sob o nome de ressurreição. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acabava com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Eles acreditavam que um homem que vivera poderia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia se dar. Designavam pelo termo ressurreição o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama reencarnação. Com efeito, a ressurreição dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A reencarnação é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra ressurreição poderia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não poderia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, poderia ser Elias reencarnado, porém, não ressuscitado.

5. Ora, entre os fariseus, havia um homem chamado Nicodemos, senador dos judeus - que veio à noite ter com Jesus e lhe disse: 'Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor, porquanto ninguém poderia fazer os milagres que fazes,

se Deus não estivesse com ele.'

Jesus lhe respondeu: 'Em verdade, ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.'

Disse-lhe Nicodemos: 'Como pode nascer um homem já velho? Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer novamente?'

Retorqui-lhe Jesus: 'Em verdade, se um homem não renasce da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. - O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. - Não te admires de que eu te haja dito ser preciso que nasças de novo. - O Espírito sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; o mesmo se dá com todo homem que é nascido do Espírito.'

Respondeu-lhe Nicodemos: 'Como pode ser isso?' - Jesus lhe observou: 'Pois quê! És mestre em Israel e ignoras estas coisas? Digo-te: em verdade, que não dizemos senão o que sabemos e que não damos testemunho, senão do que temos visto. Entretanto, não aceitas o nosso testemunho. - Mas, se não me credes, quando vos falo das coisas da Terra, como me creereis, quando vos fale das coisas do céu?' (S. JOÃO, cap. III, v. 1 a 12.)

6. A ideia de que João Batista era Elias e de que os profetas podiam reviver na Terra consta em muitas passagens dos Evangelhos, notadamente nas acima reproduzidas (nº 1, nº 2, nº 3). Se fosse errônea essa crença, Jesus não houvera deixado de a combater, como combateu tantas outras. Longe disso, ele a sanciona com toda a sua autoridade e a põe por princípio e como condição necessária, quando diz: 'Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.' E insiste, acrescentando: 'Não te admires de que eu te haja dito ser preciso nasças de novo.'

7. Estas palavras: 'Se um homem não renasce da água e do Espírito' foram interpretadas no sentido da regeneração pela água do

batismo. Porém, o texto primitivo rezava simplesmente: 'não renasce da água e do Espírito', ao passo que em algumas traduções as palavras - do Espírito - foram substituídas pelas seguintes: 'do Santo Espírito', o que já não corresponde ao mesmo pensamento. Esse ponto capital ressalta dos primeiros comentários feitos sobre o Evangelho, como se comprovará um dia, sem equívoco possível. (*)

() A tradução de Osterwald está de acordo com o texto original; ele traz: não renasce da água e do Espírito; o de Sacy diz: do Santo Espírito; o de Lamennais: Espírito santo.*

8. Para se compreender o verdadeiro significado dessas palavras, devemos também observar a significação do termo água que ali não fora empregado na acepção que lhe é própria. Os conhecimentos dos antigos sobre as ciências físicas eram muito imperfeitos. Eles acreditavam que a Terra saíra das águas e, por isso, consideravam a água como o elemento gerador absoluto. Assim é que na Gênese se lê: 'O Espírito de Deus era levado sobre as águas; flutuava sobre as águas; - Que o firmamento seja feito no meio das águas; - Que as águas que estão debaixo do céu se reúnam em um só lugar e que apareça o elemento árido; - Que as águas produzam animais vivos que nadem na água e pássaros que voem sobre a terra e sob o firmamento.'

Segundo essa crença, a água se tornara o símbolo da natureza material, como o Espírito era o da natureza inteligente. Estas palavras: 'Se o homem não renasce da água e do Espírito, ou em água e em Espírito', significam pois: 'Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma.' E nesse sentido que, no princípio, era compreendido. Tal interpretação se justifica, aliás, por estas outras palavras: 'O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito'. Jesus estabelece aí uma distinção clara entre o Espírito e o corpo. O que é nascido da carne é carne. Indica claramente que só o corpo procede do corpo e que o Espírito

independe deste.

9. 'O Espírito sopra onde quer; ouves-lhe a voz, mas não sabes nem de onde ele vem, nem para onde vai'. Podemos entender que se trata do Espírito de Deus, que dá vida a quem Ele quer, ou da alma do homem. Nesta última acepção - 'não sabes de onde ele vem, nem para onde vai' - significa que ninguém sabe o que foi, nem o que será. Se o Espírito, ou alma, fosse criado ao mesmo tempo que o corpo, saber-se-ia de onde ele veio, pois que se lhe conheceria o começo. Como quer que seja, essa passagem consagra o princípio da preexistência da alma e, por conseguinte, o da pluralidade das existências.

10. Contudo, desde o tempo de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado pela violência e são os violentos que o arrebatam; - pois que assim o profetizaram todos os profetas até João, e também a lei. - Se quiserdes compreender o que vos digo, ele mesmo é o Elias que há de vir. - Ouça-o aquele que tiver ouvidos de ouvir. (S.MATEUS, cap. XI, vv. 12 a 15.)

11. Se o princípio da reencarnação, conforme se acha expresso em S.João, poderia, a rigor, ser interpretado em sentido puramente místico, o mesmo já não acontece com esta passagem de S. Mateus, que não permite equívoco: ELE MESMO é o Elias que há de vir. Não há aí figura, nem alegoria: é uma clara afirmação: - 'Desde o tempo de João Batista até o presente, o reino dos céus é tomado pela violência.' Que significam essas palavras, uma vez que João Batista ainda vivia naquele momento? Jesus as explica, dizendo: 'Se quiserdes compreender o que digo, ele mesmo é o Elias que há de vir.' Ora, sendo João o próprio Elias, Jesus alude à época em que João vivia com o nome de Elias. 'Até o presente o reino dos céus é tomado pela violência'. Outra alusão à violência da lei mosaica, que ordenava o extermínio dos infiéis, para que os demais ganhassem a Terra

Prometida, Paraíso dos hebreus, ao passo que, segundo a nova lei, o céu se ganha pela caridade e pela brandura. E acrescentou: 'Ouça aquele que tiver ouvidos de ouvir'. Essas palavras, que Jesus tanto repetiu, claramente dizem que nem todos estavam em condições de compreender certas verdades.

12. 'Aqueles do vosso povo a quem a morte foi dada, viverão de novo; aqueles que estavam mortos em meio a mim, ressuscitarão. Despertai do vosso sono e entoai louvores a Deus, vós que habitais no pó; porque o orvalho que cai sobre vós é um orvalho de luz e porque arruinareis a Terra e o reino dos poderosos.' (ISAÍAS, cap. XXVI, v. 19.)

13. É também muito explícita esta passagem de Isaías: 'Aqueles do vosso povo a quem a morte foi dada, viverão de novo.' Se o profeta tivesse querido falar da vida espiritual, se tivesse pretendido dizer que aqueles que tinham sido executados não estavam mortos em Espírito, teria dito: 'ainda vivem, e não viverão de novo.' No sentido espiritual, essas palavras seriam um contra-senso, pois implicariam em uma interrupção na vida da alma. No sentido de regeneração moral, seriam a negação das penas eternas, pois elas estabelecem, em princípio, que todos os que estão mortos reviverão.

14. Mas, uma vez que o homem morreu, quando seu corpo, separado de seu espírito, foi consumido, que é feito dele? - Tendo morrido uma vez, poderia o homem reviver de novo? Nesta guerra em que me acho todos os dias da minha vida, espero que chegue a minha mutação. (JOB, cap. XIV, v. 10,14)

Quando o homem morre, perde toda a sua força, expira. Depois, para onde ele vai? - Se o homem morre, viverá de novo? Esperarei todos os dias de meu combate, até que me venha alguma mutação? (Tradução protestante de Osterwald.)

Quando o homem está morto, vive sempre; acabando os dias da

minha existência terrestre, esperarei, porquanto a ela voltarei de novo. (versão da Igreja grega.)

15. Nessas três versões, o princípio da pluralidade das existências se acha claramente expresso. Ninguém poderá supor que Job tenha querido falar da regeneração pela água do batismo, que ele certamente, não conhecia. 'Tendo o homem morrido uma vez, poderia reviver de novo?' A ideia de morrer uma vez e de reviver, implica em morrer e reviver muitas vezes. A versão da Igreja grega ainda é mais explícita, se é que isso é possível: 'Acabando os dias da minha existência terrena, esperarei, porquanto a ela voltarei', ou, 'voltarei à existência terrestre'. Isso é tão claro, como se alguém dissesse: 'Saio de minha casa, mas a ela tornarei.' 'Nesta guerra em que me encontro todos os dias de minha vida, espero que se dê a minha mutação.' Job, evidentemente, pretendeu referir-se à luta que sustentava contra as misérias da vida. Espera a sua mutação, isto é, resigna-se. Na versão grega, 'esperarei' parece aplicar-se, preferencialmente a uma nova existência: 'Quando a minha existência estiver acabada, esperarei, porquanto a ela voltarei.' Job como que se coloca, após a morte, no intervalo que separa uma existência da outra e diz que lá, aguardará o momento de voltar.

16. Assim, não há dúvida de, como a ressurreição, o princípio da reencarnação era uma crença fundamental dos judeus, que é confirmado por Jesus e os profetas de uma maneira formal; de onde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo. Porém, um dia, quando forem meditadas sem ideias preconcebidas, suas palavras serão reconhecidas e autorizadas quanto a esse ponto, bem como em relação a muitos outros.

17. A essa autoridade, do ponto de vista religioso, adiciona-se o ponto de vista filosófico, as provas que resultam da observação de fatos. Quando se trata de remontar os efeitos às causas, a

reencarnação surge com uma necessidade absoluta, como condição inerente à Humanidade. Ou seja: como lei da Natureza. Pelos seus resultados, ela se evidencia, de modo material, por assim dizer, da mesma forma que o motor oculto se revela pelo movimento. Só a reencarnação pode dizer ao homem de onde ele vem, para onde vai, por que está na Terra, e justificar todas as anomalias e todas as aparentes injustiças que a vida apresenta.

Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, são ininteligíveis, em sua maioria, as máximas do Evangelho, razão por que não dão lugar a tão contraditórias interpretações. Está nesse princípio a chave que lhes restituirá o sentido verdadeiro. A reencarnação fortalece os laços de família, ao passo que a unicidade da existência os rompe.

Laços de Família

FORTIFICADA PELA REENCARNAÇÃO E QUEBRADA PELA UNIDADE DA EXISTÊNCIA

18. Os laços de família não são destruídos pela reencarnação, como o pensam certas pessoas. Ao contrário, tornam-se mais fortalecidos e apertados. O princípio oposto, sim, os destrói. No espaço, os Espíritos formam grupos ou famílias entrelaçadas pela afeição, pela simpatia e pela semelhança das inclinações. Felizes por se encontrarem juntos, esses Espíritos se buscam uns aos outros. A encarnação apenas momentaneamente os separa, porquanto, ao regressarem à erraticidade, novamente se reúnem como amigos que voltam de uma viagem. Muitas vezes, uns seguem outros na encarnação, vindo aqui reunir-se numa mesma família, ou num mesmo círculo, a fim de trabalharem juntos pelo seu mútuo adiantamento. Se uns encarnam e outros não, nem por isso deixam de estar unidos pelo pensamento. Os que se conservam livres velam pelos que se acham em cativeiro. Os mais adiantados se esforçam por fazer os retardatários progredir. Após cada existência, todos avançam um passo na senda do aperfeiçoamento. Cada vez menos presos à matéria, mais viva é a afeição recíproca porque esta se encontra mais depurada, não tem a perturbá-la o egoísmo, nem as sombras das paixões. Portanto, podem percorrer ilimitado número de existências corpóreas, sem que nenhum golpe receba a mútua estima que os liga. Está bem visto que aqui se trata de afeição real, de alma a alma, única que sobrevive à destruição do corpo, porquanto

os seres que neste mundo se unem apenas pelos sentidos nenhum motivo têm para se procurarem no mundo dos Espíritos. Somente as afeições espirituais são duráveis; as de natureza carnal se extinguem com a causa que lhes deu origem. Ora, semelhante causa não subsiste no mundo dos Espíritos, enquanto a alma existe sempre. No que concerne às pessoas que se unem exclusivamente por motivo de interesse, essas nada realmente são umas para as outras: a morte as separa na Terra e no céu.

19. A união e o afeto que existem entre parentes representam um índice da simpatia anterior que as aproximou. Daí vem que, falando-se de alguém cujo caráter, gostos e pendoros nenhuma semelhança apresentam com os dos seus parentes mais próximos, costuma-se dizer que ela não é da família. Dizendo-se isso, enuncia-se uma verdade mais profunda do que se supõe. Deus permite que nas famílias ocorram essas encarnações de Espíritos antipáticos ou estranhos, com o duplo objetivo de servir de prova para uns e para outros, de meio de progresso. Assim, os maus melhoram-se, pouco a pouco, ao contato com os bons e por efeito dos cuidados que lhes dispensam. O caráter deles se abranda, seus costumes se apuram, as antipatias se esvaem. É desse modo que se opera a fusão das diferentes categorias de Espíritos, como se dá na Terra com as raças e povos.

20. O temor de que a parentela aumente indefinidamente, em consequência da reencarnação, é de fundo egoístico: prova, naquele que o sente, falta de amor bastante amplo para abranger grande número de pessoas. Um pai, que tem muitos filhos, ama-os menos do que amaria a um deles, se fosse único? Mas, tranquilizem-se os egoístas: não há fundamento para semelhante temor. Do fato de um homem ter tido dez encarnações, não se segue que vá encontrar, no mundo dos Espíritos, dez pais, dez mães, dez mulheres e um número

proporcional de filhos e de parentes novos. Lá, encontrará sempre os que foram objeto da sua afeição, aqueles que foram mais ligados na Terra, a títulos diversos, e, talvez, sob o mesmo título.

21. Vejamos agora as consequências da doutrina antireencarnacionista.

Ela, necessariamente, anula a preexistência da alma. Sendo estas criadas ao mesmo tempo que os corpos, nenhum laço anterior existe entre as almas, que, nesse caso, serão completamente estranhas umas às outras. O pai é estranho a seu filho. A filiação das famílias ficaria reduzida à filiação corporal, sem qualquer laço espiritual. Não há então, motivo algum para quem quer que seja glorificar-se de haver tido por antepassados tais ou tais personagens ilustres. Com a reencarnação, ascendentes e descendentes podem já terem se conhecido, vivido juntos, amado, e podem reunir-se mais tarde, a fim de apertarem entre si os laços de simpatia.

22. Isso, quanto ao passado. Quanto ao futuro, segundo um dos dogmas fundamentais que decorrem da não-reencarnação, a sorte das almas se acha irrevogavelmente determinada, após uma só existência. A fixação definitiva da sorte implica em uma cessação de um progresso posterior, pois partindo do princípio que existe o progresso, não há sorte definitiva. Conforme tenham vivido bem ou mal, as pessoas vão imediatamente para a mansão dos bem-aventurados, ou para o inferno eterno. Ficam assim, imediatamente e para sempre, separadas e sem esperança de tornarem a juntar-se, de forma que pais, mães e filhos, mandos e mulheres, irmãos, irmãs e amigos jamais podem estar certos de se verem novamente; é a ruptura absoluta dos laços de família. Com a reencarnação e conseqüentemente, o progresso, todos os que se amaram tornam a se encontrar na Terra e no espaço e juntos gravitam para Deus. Se alguns fraquejam no caminho, esses retardam o seu adiantamento e

a sua felicidade, mas não há para eles perda de toda esperança. Ajudados, encorajados e amparados pelos que os amam, um dia sairão do lodaçal em que se enterraram. Finalmente, com a reencarnação existe a perpétua solidariedade entre os encarnados e os desencarnados, e, daí, estreitamento dos laços de afeição.

23. Em resumo, quatro alternativas se apresentam ao homem, para o seu futuro de além-túmulo:

1ª, o nada, de acordo com a doutrina materialista;

2ª, a absorção no todo universal, de acordo com a doutrina panteísta;

3ª, a individualidade, com fixação definitiva da sorte, segundo a doutrina da Igreja;

4ª, a individualidade, com progressão indefinida, conforme a Doutrina Espírita.

Segundo as duas primeiras, os laços de família se rompem por ocasião da morte e nenhuma esperança resta às almas de se encontrarem futuramente. Com a terceira, há para elas a possibilidade de se tornarem a ver, desde que sigam para a mesma região, que tanto pode ser o inferno como o paraíso. Com a pluralidade das existências, inseparável da progressão gradativa, há a certeza na continuidade das relações entre os que se amaram, e é isso o que constitui a verdadeira família.

Limitação da encarnação

QUAIS OS LIMITES DA ENCARNAÇÃO?

24. A bem dizer, a encarnação carece de limites precisamente traçados, se tivermos em vista apenas o envoltório que constitui o corpo do Espírito, dado que a materialidade desse envoltório diminui à proporção que o Espírito se purifica. Em certos mundos mais adiantados do que a Terra, ele já é menos compacto, menos pesado e grosseiro e, por conseguinte, menos sujeito as vicissitudes.

Em grau mais elevado, é diáfano e quase fluídico. Vai desmaterializando-se de grau em grau e acaba por se confundir com o periespírito. Conforme o mundo em que é levado a viver, o Espírito reveste o invólucro apropriado à natureza desse mundo. O próprio periespírito passa por transformações sucessivas. Torna-se cada vez mais etéreo, até à depuração completa, que é a condição dos Espíritos puros. Se mundos especiais são destinados a Espíritos de grande adiantamento, estes não ficam presos a eles, como nos mundos inferiores. O estado de desprendimento em que se encontram permite-lhes ir a toda parte onde os chamem as missões que lhes estejam confiadas. Se considerarmos a encarnação do ponto de vista material, tal como se verifica na Terra, poder-se-á dizer que ela se limita aos mundos inferiores. Depende, portanto, do Espírito libertar-se dela mais ou menos rapidamente, trabalhando pela sua purificação. Devemos também considerar que no estado de desencarnado, isto é, no intervalo das existências corporais, a situação do Espírito guarda relação com a natureza do mundo que o

liga pelo grau do seu adiantamento. Assim, na erraticidade, o Espírito é mais ou menos feliz, livre e esclarecido, conforme está mais ou menos desmaterializado. S. Luís. (Paris, 1859.)

Necessidade da encarnação

25. A encarnação é um castigo? Somente os Espíritos culpados estão sujeitos a sofrê-la?

A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. Ela é necessária, visto que a atividade que são obrigados a exercer, auxilia o desenvolvimento da inteligência. Sendo soberanamente justo, Deus deve distribuir tudo igualmente por todos os seus filhos; assim é que estabeleceu para todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de proceder. Qualquer privilégio seria uma preferência, uma injustiça. Mas, a encarnação para todos os Espíritos, é apenas um estado transitório. É uma tarefa que Deus impõe, quando iniciam a vida, como primeira experiência do uso que farão do livre arbítrio. Os que desempenham com zelo essa tarefa transpõem rapidamente e menos penosamente os primeiros graus da iniciação e mais cedo gozam do fruto de seus labores. Ao contrário, os que usam mal da liberdade que Deus lhes concede, retardando a sua marcha e conforme for a obstinação que tiverem, podem prolongar indefinidamente a necessidade da reencarnação e é quando se torna um castigo. - S. Luís. (Paris, 1859.)

26. NOTA. - Uma comparação comum ajudará a compreendermos melhor essa diferença. O aluno não chega aos estudos superiores da Ciência, senão depois de haver percorrido a série das classes que até lá o conduzirão. Essas classes, qualquer que seja o trabalho que

exijam, são um meio para o estudante alcançar o fim e não um castigo que se lhe inflige. Se ele é esforçado, abrevia o caminho, então, menos espinhos encontra. Outro tanto não sucede àquele a quem a negligência e a preguiça obrigam a passar duplamente por certas classes. Não é o trabalho da classe que constitui a punição, e sim, a obrigação de recomeçar o mesmo trabalho.

Assim acontece com o homem na Terra. Para o Espírito do selvagem, que está apenas no início da vida espiritual, a encarnação é um meio para desenvolver sua inteligência; contudo, para o homem esclarecido, em quem o senso moral se acha largamente desenvolvido e que é obrigado a percorrer de novo as etapas de uma vida corpórea cheia de angústias, quando já poderia ter chegado ao fim, é um castigo, pela necessidade em que se vê de prolongar sua permanência em mundos inferiores. Aquele que, ao contrário, trabalha ativamente pelo seu progresso moral, além de abreviar o tempo da encarnação material, pode também transpor de uma só vez os degraus intermediários que o separam dos mundos superiores. Não poderiam os Espíritos encarnar uma única vez em determinado globo e preencher em esferas diferentes suas diferentes existências? Semelhante modo de ver só seria admissível se, na Terra, todos os homens estivessem exatamente no mesmo nível intelectual e moral. As diferenças que existem entre eles, desde o selvagem ao homem civilizado, mostram quais os degraus que temos que subir. Aliás, a encarnação precisa ter um fim útil. Ora, qual seria o das encarnações efêmeras das crianças que morrem em tenra idade? Teriam sofrido sem proveito para si e outros. Deus, cujas leis são soberanamente sábias, nada faz de inútil. Pela reencarnação no mesmo globo, quis Deus que os mesmos Espíritos, pondo-se novamente em contato, tivessem ensejo de reparar seus danos recíprocos, por meio das suas relações anteriores. Além disso, quis estabelecer sobre uma base

espiritual, os laços de família e apoiar numa lei natural os princípios da solidariedade, fraternidade e igualdade.

Metempsicose e as várias existências

O ESPIRITISMO

Metempsicose dos antigos consistia na transmigração da alma humana em animais, o que implicaria em uma involução. O resto dessa doutrina não era o que comumente se acredita.

A transmigração em animais não era considerada uma condição inerente à natureza da alma humana, mas como um castigo temporário. Assim, as almas dos assassinos passavam para os corpos de bestas ferozes para receber a punição; dos obscenos em suínos e javalis; dos inconstantes e fúteis para os pássaros; dos preguiçosos e ignorantes em animais aquáticos. Depois de alguns milhares de anos, mais ou menos, dependendo da culpa desses espíritos, suas almas voltam à humanidade. A encarnação em animais não era uma condição absoluta, e isso pode ser comprovado pela ideia da reencarnação humana onde a punição dos homens tímidos era encarnar em corpos de mulheres sujeitas ao desprezo e insultos. Era uma espécie de espantinho para os simples, mais um artigo de fé entre os filósofos. É o mesmo que dizemos às crianças: 'Se você for malvado, o lobo vai comer você'. Enquanto que os antigos diziam aos criminosos: 'Vocês vão encarnar em lobos'. Hoje, se diz: 'O diabo vai levá-lo ao inferno.'

A pluralidade das existências, segundo o Espiritismo, difere essencialmente da metempsicose, na medida em que não aceita a

encarnação de homens em animais, mesmo como castigo. Os Espíritos ensinam que a alma não pode retroceder, pois está sempre progredindo. Suas diferentes encarnações corporais se realizam na humanidade. Cada existência é um passo para frente no caminho do progresso intelectual e moral. O que é muito diferente. Não podendo adquirir um desenvolvimento completo em uma só vida, muitas vezes abreviada por causas acidentais, Deus permite-lhe continuar em uma nova encarnação, a tarefa que não foi capaz de completar ou refazer o que fez de errado. A expiação, na vida corpórea, é através das tribulações que devemos suportar.

Quanto à questão de saber se a pluralidade das existências é ou não contrária a certos dogmas da Igreja, limitarei-me a dizer isto: de duas, uma. Ou ela existe ou não existe. Se existe, a reencarnação está nas leis da natureza. Para provar que ela não existe, deve-se provar que ela é contrária, não aos dogmas, mas às leis e que se pode encontrar uma outra explicação mais clara e lógica que responda às questões que somente ela pode resolver. Além disso, é fácil demonstrar que certos dogmas encontram na reencarnação, uma confirmação racional, hoje aceitos por aqueles que os repeliam outrora, por falta de compreensão. Não se trata, pois, de destruir, mas de interpretar; é o que pela força das coisas será feito mais tarde. Aqueles que não querem aceitar essa interpretação estão livres para assim o fazer, assim como estão livres, hoje, para acreditar que é o Sol que gira em torno da Terra. A ideia da pluralidade de existências se propagou com uma rapidez surpreendente, devido a sua extrema lógica e sua conformidade com a lei de Deus. Quando essa ideia for reconhecida como uma verdade natural e aceita por todos, o que a Igreja fará?

Em resumo, a reencarnação não é, absolutamente, um sistema imaginado para as necessidades de uma causa, nem uma opinião

peçoal. É ou não é um fato.

Se é demonstrado que existem coisas que são materialmente impossíveis de acontecerem sem a reencarnação, devemos admitir esse fato. Então, se este fato pertence à Natureza, não podemos anulá-lo por uma mera opinião contrária.

Reencarnação

A GÊNESE

33. O princípio da reencarnação é uma consequência necessária da lei de progresso. Sem a reencarnação, como se explicaria a diferença que existe entre o presente estado social e o dos tempos de barbárie? Se as almas são criadas ao mesmo tempo que os corpos, as almas que nascem hoje seriam tão novas, tão primitivas, quanto as que viviam há mil anos. Acrescentemos ainda, que nenhuma conexão haveria entre essas almas. Nenhuma relação necessária. Seriam de todo estranhas umas às outras. Por que, então, as de hoje haviam de ser melhor dotadas por Deus, do que as que precederam? Por que têm melhor compreensão? Por que possuem instintos mais apurados, costumes mais brandos?

Por que têm a intuição de certas coisas, sem as haverem aprendido? Duvidamos que alguém saia desses dilemas, a não ser que admita que Deus cria almas de diversas qualidades, de acordo com os tempos e lugares, proposição inconciliável com a ideia de uma justiça soberana. (Cap. II, nº 10.)

Ao contrário, admitamos que as almas de agora já viveram em tempos distantes; que possivelmente foram bárbaras como os séculos em que viveram, mas que progrediram; que para cada nova existência trazem o que adquiriram nas existências precedentes; admitamos que por conseguinte, as almas dos tempos civilizados não são criadas mais perfeitas, porém que se aperfeiçoaram por si mesmas com o tempo, e tereis a única explicação plausível da causa

do progresso social.

34. Pensam alguns, que as almas passam as diferentes existências de mundo em mundo e não num mesmo orbe, onde cada Espírito viria uma única vez. Seria admissível esta doutrina, se todos os habitantes da Terra estivessem no mesmo nível intelectual e moral. Eles então só poderiam progredir indo de um mundo a outro e nenhuma utilidade lhes adviria da encarnação na Terra. Desde que aí se notam a inteligência e a moralidade em todos os graus, desde a selvageria que beira a animalidade até a mais adiantada civilização, é evidente que esse mundo constitui um vasto campo de progresso. Por que haveria o selvagem de ir procurar alhures o grau de progresso acima do em que ele está, quando esse grau pode ser achado ao lado mesmo, e assim sucessivamente? Por que não teria podido o homem adiantado fazer os seus primeiros estágios de evolução senão em mundos inferiores, quando ao seu derredor estão seres análogos a esses mundos? Quando, não só de povo a povo, mas no seio do mesmo povo e da mesma família, há diferentes graus de adiantamento? Se assim fosse, Deus houvera feito coisa inútil, colocando lado a lado a ignorância e o saber, a barbárie e a civilização, o bem e o mal, quando precisamente é esse contato que faz com que os retardatários avancem.

Não há, pois, necessidade de que os homens mudem de mundo a cada etapa de aperfeiçoamento, assim como não há a necessidade do estudante mudar de colégio para passar de uma classe a outra. Longe de ser isso uma vantagem para o progresso, seria um entrave, porque o Espírito ficaria privado do exemplo que lhe é oferecido pela observação do que ocorre nos graus mais elevados e da possibilidade de reparar seus erros no mesmo meio e em presença dos que ofendeu, possibilidade que é, para ele, o mais poderoso modo de realizar o seu progresso moral. Se mudassem de mundo a cada etapa,

após curta coabitação, os Espíritos se separariam e tornariam-se estranhos uns aos outros, rompendo-se os laços de família, pela falta de tempo suficiente para criarem laços.

A esse inconveniente moral se juntaria o inconveniente material. A natureza dos elementos, as leis orgânicas, as condições de existência variam, de acordo com os mundos; sob esse aspecto, não há dois mundos perfeitamente idênticos. Os tratados de Física, de Química, de Anatomia, de Medicina, de Botânica, etc., para nada serviriam nos outros mundos; entretanto, não fica perdido o que neles se aprende; não só isso desenvolve a inteligência, como também as ideias que se colhem de tais obras auxiliam a aquisição de outras.

(Cap. VI, nos 61 e seguintes.) Se apenas uma única vez fizesse o Espírito a sua aparição, frequentemente brevíssima, num mesmo mundo, em cada imigração ele se acharia em condições inteiramente diversas; cada vez teria que operar sobre novos elementos, com força e segundo leis que desconheceria, antes de ter tido tempo de elaborar os elementos conhecidos, de os estudar, de os aplicar. Teria que fazer, cada vez, um novo aprendizado e essas mudanças contínuas representariam um obstáculo ao progresso. O Espírito, portanto, tem que permanecer no mesmo mundo, até que haja adquirido a soma de conhecimentos e o grau de perfeição que esse mundo comporta. (Nº 31.)

31. Podemos comparar os Espíritos que vieram povoar a Terra a esses grupos de emigrantes de origens diversas, que vão estabelecer-se numa terra virgem, onde encontram madeira e pedra para erguerem habitações, cada um dando à sua um cunho especial, de acordo com o grau do seu saber e com o seu gênio particular. Agrupam-se então, por analogia de origens e de gostos, acabando os grupos por formar tribos, em seguida povos, cada qual com seus costumes e caracteres próprios.

Que os espíritos abandonam este mundo para um mais avançado, é porque eles não podem adquirir mais nenhuma lição. É assim que deve ser, este é o princípio. Provavelmente, se eles abandonam antes da hora é por motivos individuais que Deus analisa, em sua sabedoria.

Tudo tem um propósito na criação, caso contrário, Deus não seria prudente ou sábio, ou, se a Terra é um passo no progresso dos indivíduos, qual seria a utilidade das crianças que morrem cedo e passam somente alguns anos, meses, horas, durante os quais não podem aprender nada? O mesmo para os idiotas e imbecis. Uma teoria só é boa se resolver todas as questões relacionadas a ela. A questão da morte prematura foi a pedra em que tropeçaram todas as doutrinas, com exceção da doutrina espírita, que resolveu de forma racional e abrangente.

Para aqueles que tiveram na Terra uma profissão normal, existe um progresso real em sua vantagem de estar no mesmo ambiente, a fim de continuar o que deixaram inacabado, muitas vezes na mesma família, onde podem estar em contato novamente com as mesmas pessoas, ou para reparar o mal que fizeram ou para sofrer a pena do talião.

Reencarnação e os cretinos

REVISTA ESPÍRITA, 1861

Os cretinos são seres punidos sobre a Terra pelo mau uso que fizeram de poderosas faculdades; sua alma está aprisionada num corpo, cujos órgãos, impossibilitados, não podem expressar seus pensamentos; esse mutismo moral e físico é uma das mais cruéis punições terrestres; frequentemente, ela é escolhida pelos Espíritos arrependidos que querem resgatar as suas faltas. Essa prova não é estéril, porque o Espírito não permanece estacionário em sua prisão de carne; seus olhos bestificados vêem, seu cérebro deprimido concebe, mas nada pode se traduzir, nem pela palavra nem pelo olhar, e, salvo o movimento, estão moralmente no estado dos letárgicos e dos catalépticos, que vêem e ouvem o que se passa ao redor deles, sem poderem exprimi-lo. Quando têm em sonho esses terríveis pesadelos, em que desejariam fugir de um perigo, em que gritam para chamar por socorro, ao passo que a vossa língua permanece presa ao céu da boca, e os vossos pés ao solo, experimentam um instante do que o cretino sente sempre: paralisia do corpo unida à vida do Espírito.

Assim, quase todas as enfermidades têm sua razão de ser; nada se faz sem causa, o que chamam de azar é a aplicação da mais alta justiça. A loucura é também uma punição pelo abuso de altas faculdades; o louco tem duas personalidades: a que extravasa e a que tem a consciência de seus atos, sem poder dirigi-los. Quanto aos cretinos, a vida contemplativa e isolada de sua alma, que não tem a

distração do corpo, pode ser tão agitada quanto as existências mais complicadas pelos acontecimentos; alguns se revoltam contra o seu suplício voluntário; lamentam sua má escolha e sentem um desejo furioso de retornar à outra vida, desejo que lhes faz esquecer a resignação à vida presente, e o remorso da vida passada, da qual têm a consciência, porque os cretinos e os loucos sabem mais do que vocês e na sua impossibilidade física, esconde-se uma poderosa força moral da qual vocês não têm ideia. Os atos de furor, ou de imbecilidade aos quais seu corpo se entrega, são julgados pelo ser interior que os sofre e coram por eles. Assim, zombá-los, injuriá-los, maltratá-los mesmo, como se faz algumas vezes, é aumentar seus sofrimentos, porque é fazê-los sentir mais duramente sua fraqueza e sua abjeção; se eles pudessem, acusariam-nos de covardia pois agem desse modo porque sabem que sua vítima não pode defender-se.

Nota. Houve um tempo em que se pôs em discussão a alma dos cretinos. Perguntava-se então, se eles, verdadeiramente, pertenciam à espécie humana. A maneira pela qual o Espiritismo faz encará-los não é de uma alta moralidade e de um grande ensinamento? Não há matéria para sérias reflexões, pensando que esses corpos desfavorecidos encerram almas que talvez brilharam no mundo, que são tão lúcidas e tão pensantes quanto as nossas sob o espesso envoltório que lhes abafa as manifestações, e que poderá ocorrer o mesmo, um dia, conosco, se abusarmos das faculdades que nos distribui a Providência?

Além disso, como o cretinismo poderia se explicar; como entendê-lo de acordo com a justiça e a bondade de Deus, sem admitir a pluralidade das existências, ou seja, a reencarnação? Se a alma nunca viveu, se é criada ao mesmo tempo que o corpo, nesta hipótese, como justificar a criação de almas tão deserdadas por um Deus justo e bom. Porque aqui não se trata de um desses acidentes, como a

loucura, por exemplo, que se pode ou prevenir ou curar; esses seres nascem e morrem no mesmo estado; não tendo nenhuma noção do bem e do mal, qual é a sua sorte na eternidade? Serão felizes como homens inteligentes e trabalhadores? Mas por que esse favor, uma vez que não fizeram nada de bom? Estarão naquilo que se chama de limbos, quer dizer, num estado misto em que não é nem a felicidade nem a infelicidade? Mas, por que essa inferioridade eterna? Nesse caso, a falta é deles, se Deus os criou cretinos? Desafiamos todos os que repelem a doutrina da reencarnação a saírem deste impasse. Ao contrário, com a reencarnação, o que parece uma injustiça torna-se uma admirável justiça; o que é inexplicável, explica-se de maneira racional. De resto, não sabemos que os que repelem esta doutrina, a tenham combatido com argumentos mais decisivos, que o de sua repugnância pessoal de ter que retornar sobre a Terra. Pois, estão muito seguros de terem bastantes virtudes para ganhar o céu de uma só vez! Nós lhes desejamos boa sorte. Mas, e os cretinos e as crianças que morrem em tenra idade? Quais títulos terão para fazerem valer?

A reencarnação

REVISTA ESPÍRITA, 1861 – ADVERTÊNCIA DE UM ESPÍRITO

'A reencarnação, disse ele, é o inferno; a reencarnação é o purgatório; a reencarnação é a expiação; a reencarnação é o progresso; enfim, ela é a escada santa que todos os homens devem escalar; seus degraus são as fases das diferentes existências a percorrer para alcançar o cume, porque Deus disse: para ir a ele, é necessário nascer, morrer e renascer até que se tenha chegado aos limites da perfeição, e ninguém chega a ele sem ter sido purificado pela reencarnação,'

Consequências da Doutrina da Reencarnação pela Propagação do Espiritismo

REVISTA ESPÍRITA, ANO 1862

O Espiritismo caminha com rapidez. Eis um fato que ninguém pode negar. Ora, quando uma coisa se propaga, é que ela convém, portanto, o Espiritismo se propaga porque é conveniente. Para isso, há muitas causas; a primeira, sem contradita, como explicamos em diversas circunstâncias, é a satisfação moral que ele proporciona àqueles que o compreendem e o praticam; mas esta mesma causa recebe, em parte, sua força do princípio da reencarnação; é o que vamos tentar demonstrar.

Todo homem que reflete, não pode se impedir de preocupar-se com o seu futuro depois da morte, e isso vale bem a pena. Qual é aquele que não liga para sua situação sobre a Terra, durante alguns anos, mais importância que à de alguns dias? Faz-se mais: durante a primeira parte da vida, trabalha-se, extenua-se de fadiga, impôndo-se todas espécies de privações para assegurar, na outra metade, um pouco de repouso e bem-estar. Se tomamos tanto cuidado nessa fase da vida, não é racional tomar ainda mais com a vida de além-túmulo, cuja duração é ilimitada? Por que a maioria trabalha mais para o presente fugidio do que para o futuro sem fim? É que se crê na realidade do presente, e que se duvida do futuro; ora, não se duvida

senão do que não se compreende. Que o futuro seja compreendido, e a dúvida cessará. Aos olhos daquele que, no estado das crenças vulgares, está melhor convencido da vida futura, ela se apresenta de maneira tão vaga, que a fé não basta sempre para fixar as ideias, e que tem mais caracteres da hipótese do que dos da realidade. O Espiritismo vem esclarecer essa incerteza através do testemunho daqueles que viveram, e por provas materiais.

O caso do Sr. V. (*)

REVISTA ESPÍRITA, 1860

Ainda que pareça ridículo o que direi, tenho a convicção sincera de ter sido assassinado durante os massacres de São Bartolomeu. Eu era bem criança quando essa recordação veio ferir a minha imaginação. Mais tarde, quando li essa triste página da nossa história, pareceu-me que muitos desses detalhes me eram conhecidos, e creio ainda que se a velha Paris pudesse ser reconstruída, eu reconheceria essa sombria alameda onde, fugindo, senti o frio de três golpes de punhal pelas costas. Há detalhes dessa cena sanguinolenta que estão na minha memória, e que nunca desapareceram.

Por que eu tinha essa convicção antes de saber o que era a São Bartolomeu? Por que, lendo o relato do massacre, eu disse a mim: - foi o meu sonho, aquele desagradável sonho que tive em criança, e cuja lembrança ficou-me tão vivaz? Por que, quando quis consultar a minha lembrança, forçar o meu pensamento, parecia um pobre louco ao qual surgiu uma ideia, e que parece lutar para encontrar de novo a sua razão? Por que? Disso não sei nada. Acharão que é ridículo, sem dúvida, mas com isso não guardarei menos a minha lembrança, a minha convicção.

'Se eu dissesse que tinha sete anos quando tive um sonho, e ele era assim: eu tinha vinte anos, era jovem, bem posto, penso que era rico. Envolvi-me em um duelo, e fui morto. Se eu vos dissesse que a saudação que se faz com a arma antes de se bater, eu a fiz na

primeira vez que tive um florete na mão. Se dissesse que cada preliminar, mais ou menos graciosa, que a educação ou a civilização colocaram na arte de se matar, era-me conhecida antes da minha educação nas armas, vocês diriam: sem dúvida, que sou louco ou maníaco; talvez muito, mas parece-me, às vezes, que um clarão fura esse nevoeiro e tenho a convicção de que a lembrança do passado restabelece-se na minha alma.

Se me perguntarem se creio na simpatia das almas, no seu poder de se colocarem em contato, apesar da distância, apesar da morte, eu responderei: Sim. E este sim será pronunciado com toda a força da minha convicção. Ocorreu-me encontrar-me a vinte e cinco léguas de Lima, depois de oitenta dias de viagem, e despertar todo em pranto com uma verdadeira dor do coração; uma tristeza mortal se apoderou de mim, todo o dia. Registrei este fato em meu diário. Em hora semelhante, na mesma noite, meu irmão foi atingido por um ataque de apoplexia que comprometeu gravemente a sua vida. Confrontei o dia, o instante, tudo estava exato. Eis um fato: as pessoas dirão que sou louco. 'Eu não li nenhum autor tratando de semelhante assunto; eu o farei em meu retorno; talvez essa leitura derramará um pouco de luz em mim.'

(M. V. era um soldado da Casa de Coligny, seu nome era Gaston Vincent, ele foi morto em São Bartolomeu de acordo com as informações de seu Guia, ele é agora um oficial naval.*

Reencarnação na Antiguidade

OS PANDOÛS E KOUROUS - REVISTA ESPÍRITA, 1862

Tendo estourado a guerra civil entre os descendentes de Pandu, legítimos herdeiros do trono, e os descendentes de Kuru, que o usurparam, os Pandus vêm, à frente de um exército que o herói Arjuna comanda, atacar os usurpadores. A batalha durou muito tempo, e a vitória é ainda bastante incerta; um armistício dá aos dois exércitos presentes o tempo para retemperar suas forças. De repente, as trombetas tocam e os dois exércitos se movimentam inteiramente e avançam para o combate; cavalos brancos levam o carro de Arjuna, junto do qual fica o deus Krishna. De repente, o herói se detém no meio do espaço que separa os dois exércitos; percorre-os com o olhar: 'Irmãos contra irmãos', diz para si; 'parentes contra parentes, prestes a se degolarem mutuamente sobre os cadáveres de seus irmãos!' Uma melancolia profunda, uma súbita dor o tomou.

'Krishna!', exclamou, 'eis nossos parentes armados, de pé, prestes a se degolarem; vede, meus membros tremem, meu rosto empalidece, meu sangue gela; um frio de morte circula em minhas veias e os meus cabelos se eriçam de horror. Meu arco fiel cai em minha mão, incapaz de sustentá-lo; eu vacilo; não posso nem avançar nem recuar, e minha alma embriagada de dor parece querer abandonar-me. Deus de cabelos loiros, ah! dizei-me, quando tiver assassinado todos os meus, será isso a felicidade? A vitória, o império, a vida, de que me servirão então, quando aqueles por quem desejo obtê-los e

conservá-los, terão perecido no combate? Ó conquistador celeste, quando o triplo mundo seria o preço de sua morte, eu não gostaria de degolá-los por esse miserável globo. Não, eu não o quero, embora se preparem para me matar sem piedade.'

'- Aqueles dos quais choras a morte, responde-lhe o deus, não merecem que tu os chores; que se viva ou que se morra, o sábio não tem lágrimas para a vida e para a morte. No tempo em que eu não existia, em que tu não existias, em que esses guerreiros não existiam, jamais foi, e jamais se verá chegar a hora em que soará nossa morte. A alma colocada num corpo atravessa a juventude, a idade madura, a decrepitude, e passando para um novo corpo, nele recomeça seu curso. Indestrutível e eterno, um deus desenrola o universo em que estamos; e quem aniquilará a alma que ele criou? Quem, pois, destruirá a obra do Indestrutível? O corpo, envoltório frágil, se altera, se corrompe e perece; mas a alma, a alma eterna que não se pode conceber, aquela não perecerá. Ao combate, Arjuna! Impele os teus corcéis ao combate; a alma não mata; a alma não é mortal; jamais desabrocha; jamais morre; ela não conhece o presente, o passado, o futuro. É antiga, eterna, sempre virgem, sempre jovem, imutável, inalterável. Tombar no combate, degolar seus inimigos, o que é senão depor uma veste ou tirar àquele que a levava? Vai, pois! Não temas nada; lança sem escrúpulo uma roupagem usada; veja sem terror teus inimigos e teus irmãos deixarem seus corpos perecíveis, e sua alma revestir uma forma nova. A alma, é a coisa que o gládio não penetra, que o fogo não pode consumir, que as águas não deterioram, que o vento do sul não seca. Cesse, pois, de gemer.'

Nota. - A ideia da reencarnação, com efeito, está bem definida nesta passagem, como, de resto, todas as crenças espíritas o estavam na antiguidade; mas faltava-lhe um princípio: o da caridade. Estava reservado ao Cristo proclamar esta lei suprema, fonte de todas as

felicidades terrestres e celestes.

'Esta passagem é tirada de um livro em sânscrito Maha Barata.'

Reencarnação no Japão

REVISTA ESPÍRITA, 1868

O relato seguinte é extraído da história de São Francisco Xavier pelo Pe. Bouhours. É uma discussão teológica entre um bonzo japonês chamado Tucarondono e São Francisco Xavier, então missionário no Japão.

‘- Não sei se me conheces, ou melhor, se me reconheces’, disse Tucarondono a São Francisco Xavier.

‘- Não me lembro de jamais tê-lo visto’, respondeu-lhe este.

Então o monge, rindo muito e voltando-se para outros monges, seus confrades, que ele tinha trazido consigo, disse-lhes:

‘- Bem vejo que não teria dificuldade em vencer um homem que tratou comigo mais de cem vezes, e que finge jamais me ter visto.’

Em seguida, olhando Xavier com um sorriso de desprezo, continuou:

‘- Nada te resta das mercadorias que me vendeste no porto de Frénasoma?’

‘- Na verdade’, replicou Xavier com uma expressão sempre serena e modesta, ‘em minha vida não fui negociante e jamais estive em Frénasoma.’

‘- Ah! Que esquecimento e que tolice!’ replicou o bonzo, fazendo-se de admirado e continuando suas risadas: ‘O quê! É possível que tenhas esquecido isto?’

‘- Avivai-me a memória’, prosseguiu docemente o santo, ‘vós que tendes mais memória e mais espírito que eu.’

‘- Bem que eu quero’, disse o bonzo, todo orgulhoso do elogio que Xavier lhe havia feito. ‘Hoje faz exatamente mil e quinhentos anos que tu e eu, que éramos negociantes, fazíamos o nosso comércio em Frénasoma e que te comprei cem peças de seda muito barato. Lembras-te agora?’

O santo, que avaliou até onde iria a conversa do bonzo perguntou-lhe, honestamente, que idade tinha ele.

‘- Tenho cinquenta e dois anos’, disse Tucarondono.

‘- Como é possível’, redarguiu Xavier, ‘que fôsseis negociante há quinze séculos, se não há senão meio século que estais no mundo, e que negociássemos naquele tempo, vós e eu, em Frénasoma, se a maioria entre vós outros bonzos ensinai que o Japão não passava de um deserto há mil e quinhentos anos?’

‘- Escuta-me’, disse o bonzo; ‘tu ouvirás os oráculos e concordarás que temos mais conhecimento das coisas passadas do que vós outros o tendes das coisas presentes.’

‘- Deves, pois, saber que o mundo jamais teve começo, e que as almas, a bem dizer, não morrem. A alma se desprende do corpo onde estava encerrada; ela busca um outro, novo e vigoroso, onde renascemos, ora com o sexo mais nobre, ora com o sexo imperfeito, conforme as diversas constelações do céu e os diferentes aspectos da lua. Essas mudanças de nascimento fazem que também mude a nossa sorte. Ora, é a recompensa dos que viveram santamente ter a lembrança fresca de todas as vidas que levaram nos séculos passados e de representar-se em si mesmo todo inteiro, tal qual foi há uma eternidade, sob a forma de príncipe, de negociante, de homem de letras, de guerreiro e sob outras aparências. Ao contrário, alguém como tu que sabe tão pouco de seus negócios, que ignora o que foi e o que fez no curso de uma infinidade de séculos, mostra que seus crimes o tomaram digno da morte tantas vezes que ele perdeu a

lembrança das vidas que mudou.'

OBSERVAÇÃO: Não se pode supor que Francisco Xavier tivesse inventado esta história, que não lhe era favorável, nem suspeitar a boa-fé do seu historiador, o Pe. Bouhours. Por outro lado, não é menos certo que era uma armadilha preparada ao missionário pelo bonzo, pois sabemos que a lembrança das vidas anteriores é um caso excepcional e que, em todo caso, jamais comporta detalhes tão precisos. Mas, o importante dessa história, é que a doutrina da reencarnação existia no Japão naquela época, em condições idênticas, salvo a intervenção das constelações e da Lua, as que são ensinadas em nossos dias pelos Espíritos. Uma outra similitude, não menos notável é a ideia que a precisão da lembrança é um sinal de superioridade. Os Espíritos nos dizem, com efeito, que nos mundos superiores à Terra, onde o corpo é menos material e a alma está num estado normal de desprendimento, a lembrança do passado é uma faculdade comum a todos; aí eles se lembram das existências anteriores, como nos lembramos dos primeiros anos de nossa infância. É bem evidente que os japoneses não estão neste grau de desmaterialização, que não existe na Terra, mas esse fato prova que eles têm a intuição.

(N.T.) - Sobre a crença da reencarnação no Japão - O Japão mostrou-nos, há pouco, o poder de tais crenças num povo. A coragem magnífica, o espírito de sacrifício que os japoneses mostram em frente da morte, a sua impassibilidade em presença da dor, todas essas qualidades dominadoras, que fizeram a admiração do mundo em circunstâncias memoráveis, não tiveram outra causa.

Depois da batalha de Tsushima, diz-nos o Journal, numa cena de melancolia grandiosa, diante do Exército reunido no cemitério de Aoyama, em Tóquio, o Almirante Togo falou, em nome da Nação, e dirigiu-se aos mortos em termos patéticos. Pediu às almas desses

heróis que "protegessem a marinha japonesa, frequentassem os navios e reencarnassem em novas equipagens". () A crença da reencarnação. O Problema do ser, do destino e da dor - Léon Denis.*

Reencarnação na América

REVISTA ESPÍRITA, 1862

Admira-se, frequentemente, que a doutrina da reencarnação não tenha sido ensinada na América, e os incrédulos não deixaram de nisso se apoiar para acusar os Espíritos de contradição. Não repetiremos aqui as explicações que demos, e que publicamos sobre esse assunto, limitaremos a lembrar que nisso os Espíritos mostraram a sua prudência habitual; quiseram que o Espiritismo nascesse num país de liberdade absoluta quanto à emissão das opiniões. O ponto essencial era a adoção do princípio, e para isso não quiseram estar embaraçados; não ocorria o mesmo em todas as suas consequências, e sobretudo da reencarnação, que se chocaria contra os preconceitos da escravidão e da cor. A ideia de que o negro poderia tornar-se um branco; que um branco poderia ter sido negro; que um senhor pudesse ter sido um escravo; pareceu de tal modo monstruosa, que isso bastou para fazer rejeitar o todo; os Espíritos, pois, preferiram sacrificar, momentaneamente, o acessório ao principal, e sempre dissemos que, mais tarde, a unidade se faria sobre este ponto como sobre todos os outros. Foi, com efeito, o que começou a ocorrer: várias pessoas do país nos disseram que essa doutrina encontra ali, agora, numerosos partidários; que certos Espíritos, depois de tê-la feito pressentir, vêm confirmá-la. Eis o que nos escreveu, a este respeito, de Montreal (Canadá), o Sr. Henry Lacroix, natural dos Estados Unidos: 'A questão da reencarnação, da qual fostes o primeiro promotor visível, nos pegou de surpresa aqui;

mas hoje estamos reconciliados com ela, com essa filha de vosso pensamento. Tudo se tornou compreensível por essa nova claridade, e vemos agora, diante de nós, bem longe no caminho eterno. Isso nos parecia, todavia, bem absurdo, como dizíamos no começo; mas, se hoje negamos, amanhã acreditaremos. - Eis a Humanidade! Felizes são os que querem saber, por que a luz se faz para eles; infelizes são os outros; porque permanecem nas trevas'.

Assim foi a lógica, a força do raciocínio, que os conduziu a essa doutrina, e porque nela encontraram a única chave que poderia resolver os problemas até então insolúveis. No entanto, nosso honroso correspondente se engana sobre um fato importante, atribuindo-nos a iniciativa desta doutrina, que chama a filha de nosso pensamento. É uma honra que não nos ocorre: a reencarnação foi ensinada pelos Espíritos a outros também, antes da publicação de 'O Livro dos Espíritos'; além disso, o princípio foi claramente colocado em várias obras anteriores, não somente as nossas, mas ao aparecimento das mesas girantes, entre outras, em 'Céu e Terra', de Jean Raynaud, e num encantador livrinho de Louis Jourdan, intitulado 'Preces de Ludowic', publicado em 1849, sem contar que esse dogma era professado pelos Druidas, aos quais, certamente, não ensinamos (ver a Revista Espírita, abril de 1858 - O Espiritismo entre os Druidas. artigo contendo as Tríades.). Quando nos foi revelado, ficamos surpresos, e o acolhemos com hesitação e desconfiança. Primeiramente, nós o combatemos durante algum tempo, até que a evidência nos foi demonstrada. Assim, esse dogma, nós o ACEITAMOS e não o INVENTAMOS, o que é muito diferente.

Isto responde à objeção de um de nossos assinantes, Sr. Salgues (de Angers), que é um dos antagonistas confessos da reencarnação, e que pretende que os Espíritos, e os médiuns que o ensinam, sofrem a nossa influência, tendo em vista que, aqueles que se comunicam com

ele, dizem o contrário. De resto, o Sr. Salgues alega objeções especiais contra a reencarnação, das quais faremos, num destes dias, o objeto de um exame particular. À espera disso, constatamos um fato: é que o número de seus partidários cresce sem cessar e que o de adversários diminui; se esse resultado for devido à nossa influência, significa atribuir a nós, um grande poder, uma vez que se estende da Europa à América, da Ásia à África e até à Oceania. Se a opinião contrária é a verdade, como ocorre que não haja preponderado?

O erro seria, pois, mais poderoso do que a verdade?

Uma Palavra Final

Quando resolvi reunir em uma única brochura de propaganda todos os ensinamentos que nos foram dados por Allan Kardec sobre a grande lei da reencarnação, pensei que poderia ser útil para completar a apresentação, narrando alguns fatos e provas novas que vêm confirmar as verdades morais e filosóficas que o fundador da Doutrina Espírita estabeleceu: a verdade fundamental da pluralidade de existências corporais e sucessivas. Agora que esta compilação está concluída, constato com satisfação que o presente trabalho é suficiente para nos levar a uma convicção séria e forte e que toda junção estrangeira não faria mais que alongar e oneraria o texto e não lhe daria, nem mais nem menos, autoridade.

Remeto-me ao leitor que acredita precisar de novas evidências para estabelecer suas convicções pelas obras de Jean Renaud (*), Pezzani (**), Coronel de Rochas (***), etc. Estes, reuniram grande número de testemunhos muito interessantes que irão dificultar a escolha. Seguir nessa direção, mencionando esses autores, seria perder meu objetivo que é, principalmente, divulgar as informações, em uma brochura de propaganda, os argumentos fornecidos por Allan Kardec sobre esta importante questão: a reencarnação segundo o Espiritismo.

(*) *Jean Renand. Terre et Ciel.*

(**) *Pezzani. La pluralité des existences.*

(***) *Coronel de Rochas. Les vies successives.*

Que nossos amigos ajudem meus esforços e este objetivo será

atendido para o bem moral de todos e para a glorificação de nosso amado Mestre: Allan Kardec.

Henri Sausse
Dezembro 1920

Por quê?

Quem nunca quis sondar o grande mistério
Quem nos criou um dia, para em seguida morrermos?
De onde viemos, exilados na Terra,
E por que precisamos de tanta dor e sofrimento?

Por que nossos duros labores, nossas lutas incessantes
Se não houver nada de nós que sobreviverá depois de amanhã?
Quem nos animou nessa tarefa ingrata
Imposta a nós, infelizmente! Destino cego?

Da vida até a morte, vivendo em lágrimas,
Quando alguns sorriem e outros estão sobrecarregados;
Em uma existência feliz, todos os pequenos encantos
Para o povo, o infortúnio e golpes.

Então, depois de tantos esforços e sofrimentos amargos,
Quando acreditamos estar em contato com a felicidade terrena,
Vemos todas as nossas esperanças desaparecer
Perante a sepultura aberta onde nossa vida termina.

Depois da morte, que se tornam nossas almas?
Existe ainda a vida ou o escuro nada?
Existe o descanso ou os terríveis dramas,
Em um inferno odioso ou um céu preguiçoso?

De onde viemos, para vir neste mundo
Sofrer tanto tormentos, dores, sofrimentos;

Se somos amaldiçoados, por quê? Quem me responde?
Quem nos condenou a chorar tantas lágrimas?

Compartilho com vocês a tristeza amarga,
Ainda assim, amigo, quero secar suas lágrimas
Na esperança beneficente que recebi o carinho.
Escute e você sentirá sua dor diminuir.

De onde viemos? Ninguém pode dizer.
No entanto, sabemos o propósito a que estamos destinados.
A estrada é difícil, infelizmente! Mas por que amaldiçoá-la
Quando, nós mesmos, propusemos tais metas?

Se partimos do nada, caminhamos para o sublime,
Infelizmente, não podemos decidir a nosso critério:
Por um desejo imprudente, quando somos a vítima
Saibamos que cada esforço é um passo para frente!

Amigo, todo esforço gera sofrimento;
Se quisermos não mais sermos prisioneiros do Mal,
Em nossos reveses mais difíceis, conservemos nossa segurança
Que de nossa felicidade, somos os pioneiros.

Cada um de nós, desde então, seguindo sua jornada,
Deve elevar seu coração, esclarecer seu cérebro;
Perante os sofrimentos da estrada, devemos, a todo custo,
Renunciar o homem velho e criar o novo.

Não é por acaso, que neste lugar de miséria,
Para progredir, tivemos que vir.
Vamos, novamente e muitas vezes, enfrentar este calvário,
Feito para nos garantir um futuro brilhante.

E cada vez, nossa alma, pelas lutas cruéis,

Nos laços da carne, tendem a desaparecer.
Depois de muitos contratempos, esforços e quedas,
Ela finalmente se levanta e vê o brilho do céu.

Ela é tão feliz, por causa da felicidade suprema
É o preço de seus males, o fruto do seu trabalho
Ela venceu a morte e forte em si
Ela não vê terror na sua bagagem sombria

Ela sabe que a vida é, para nós, eterna
Que a morte é apenas uma palavra, e quando chegamos ao limite,
Ganhamos alegria e novas evidências
Que ainda vivemos, depois da morte.

Na cadeia infinita que é a nossa vida,
Colhemos os frutos de trabalhos anteriores
E desde já, semeamos a alegria ou o sofrimento
Que se seguem, por nossas ações presentes,

Saibamos aproveitar cada novo amanhecer,
E esta é a grande lei que não podemos transgredir:
Nascer, morrer, renascer e depois morrer de novo,
Para, mais uma vez, renascer e sempre progredir.

Henri Sausse

Nota da tradutora

Caro leitor espírita, achamos que este capítulo de 'O Livro dos Espíritos' sobre a reencarnação, resume bem o assunto e acrescenta algo interessante ao trabalho de Henri Sausse. - Esperamos que gostem!

Tradutora da obra - Chrissie Chynde

Conclusão Final

O Livro dos Espíritos

O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o das manifestações, o dos princípios e da filosofia que delas decorrem e o da aplicação desses princípios. Daí, três classes, ou, antes, três graus de adeptos:

1° os que crêem nas manifestações e se limitam a comprová-las. Para esses, o Espiritismo é uma ciência experimental;

2° os que lhe percebem as consequências morais;

3° os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral.

Qualquer que seja o ponto de vista, científico ou moral, sob que considerem esses estranhos fenômenos, todos compreendem que eles constituem uma nova ordem de ideias que surge e da qual não se pode deixar de resultar em uma profunda modificação no estado da Humanidade e compreendem que essa modificação não pode deixar de operar-se no sentido do bem.

Quanto aos adversários, também podemos classificá-los em três

categorias.

1ª - A dos que negam sistematicamente tudo o que é novo, ou deles não venha, e que falam sem conhecimento de causa. A esta classe pertencem os que não admitem senão o que possa ter o testemunho dos sentidos. Nada viram, nada querem ver e ainda menos aprofundar. Ficariam mesmo aborrecidos se vissem as coisas muito claramente, porque forçoso lhes seria convir que não têm razão. Para eles, o Espiritismo é uma quimera, uma loucura, uma utopia, não existe: está dito tudo. São os incrédulos de caso pensado. Ao lado desses, podem colocar-se os que não se dignam de dar aos fatos a mínima atenção, sequer por desencargo de consciência, a fim de poderem dizer: Quis ver e nada vi. Não compreendem que é preciso mais de meia hora para alguém se inteirar de uma ciência.

2ª - A dos que, sabendo muito bem o que pensar da realidade dos fatos, os combatem, todavia, por motivos de interesse pessoal. Para estes, o Espiritismo existe, mas lhes receiam as consequências. Atacam-no como a um inimigo.

3ª - A dos que acham na moral espírita censura por demais severa aos seus atos ou às suas tendências. Tomado ao sério, o Espiritismo os embaraçaria; não o rejeitam, nem o aprovam: preferem fechar os olhos.

Os primeiros são movidos pelo orgulho e pela presunção; os segundos, pela ambição; os terceiros, pelo egoísmo. Concebe-se que, nenhuma solidez tendo, essas causas de oposição venham a desaparecer com o tempo, pois em vão procuraríamos uma quarta classe de antagonistas, a dos que em patentes provas contrárias se apoiassem demonstrando estudo laborioso e porfiado da questão. Todos apenas opõem a negação, nenhum aduz demonstração, séria e irrefutável. Fora presumir da natureza humana supor que ela possa transformar-se de súbito, por efeito das idéias espíritas. A ação que

estas exercem não é certamente idêntica, nem do mesmo grau, em todos os que as professam. Mas, o resultado dessa ação, qualquer que seja, ainda que extremamente fraco, representa sempre uma melhora. Será, quando menos, o de dar a prova da existência de um mundo extracorpóreo, o que implica a negação das doutrinas materialistas. Isto deriva da só observação dos fatos, porém, para os que compreendem o Espiritismo filosófico e nele vêem outra coisa, que não somente fenômenos mais ou menos curiosos, diversos são os seus efeitos.

O primeiro e mais geral efeito, consiste em desenvolver o sentimento religioso até naquele que, sem ser materialista, olha com absoluta indiferença para as questões espirituais. Daí lhe advém o desprezo pela morte. Não dizemos o desejo de morrer; longe disso, porquanto o espírita defenderá sua vida como qualquer outro, mas uma indiferença que o leva a aceitar, sem queixa, nem pesar, uma morte inevitável, como coisa mais de alegrar do que de temer, pela certeza que tem do estado que se lhe segue.

O segundo efeito, quase tão geral quanto o primeiro, é a resignação nas vicissitudes da vida. O Espiritismo dá a ver as coisas de tão alto, que, perdendo a vida terrena três quartas partes da sua importância, o homem não se aflige tanto com as tribulações que a acompanham. Daí, mais coragem nas aflições, mais moderação nos desejos. Daí, também, o banimento da ideia de abreviar os dias da existência, por isso que a ciência espírita ensina que, pelo suicídio, sempre se perde o que se queria ganhar. A certeza de um futuro, que temos a faculdade de tornar feliz, a possibilidade de estabelecermos relações com os entes que nos são caros, oferecem ao espírita suprema consolação. O horizonte se dilata ao infinito, graças ao espetáculo, a que assiste incessantemente, da vida de além-túmulo, cujas misteriosas profundezas lhe é facultado sondar.

O terceiro efeito é o estimular no homem a indulgência para com os defeitos alheios. Todavia, cumpre dizer, o princípio egoísta e tudo que dele decorre são o que há de mais tenaz no homem e, por conseguinte, mais difícil de desarraigar. Toda gente faz voluntariamente sacrifícios, contanto que nada custem e de nada privem. Para a maioria dos homens, o dinheiro tem ainda irresistível atrativo e bem poucos compreendem a palavra supérfluo, quando de suas pessoas se trata. Por isso mesmo, a abnegação da personalidade constitui sinal de grandíssimo progresso.

